

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: HABILITAÇÃO JORNALISMO

Andersson Catani

A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE MARAU ATRAVÉS DOS JORNAIS
“O SALAME” E “O NACIONAL”

**Análise comparativa de conteúdo na cobertura do movimento
emancipacionista marauense em duas versões: da cidade e do distrito.**

Passo Fundo, 2013

Andersson Catani

**A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE MARAU ATRAVÉS DOS JORNAIS
“O SALAME” E “O NACIONAL”**

**Análise comparativa de conteúdo na cobertura do movimento
emancipacionista marauense em duas versões: da cidade e do distrito.**

Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo, como requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Professor Dr. Benami Bacaltchuk.

Passo Fundo, 2013

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus pais Eliane Maria Longo e Claudimir Catani, sem os quais não haveria condições de obtenção de uma graduação superior. A Simone Tomasi, que conviverá com um jornalista pelo restante dos seus dias.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao professor Benami Bacaltchuk, orientador e motivador, que compreendeu e solucionou as dúvidas que porventura surgiram.

À professora Clélia Bortolini, pela defesa ferrenha do resgate histórico e pela prática de sua ideologia.

Aos amigos da Prefeitura Municipal de Marau, principalmente a Aline Poloni, pela manutenção do acervo histórico e auxílio monumental na pesquisa sobre a emancipação marauense.

Aos amigos e amigas que compreenderam a necessidade de concentração, trabalho e priorização para que este trabalho fosse possível.

Ao Arquivo Histórico Regional, pela preservação da história da região e o acesso facilitado ao material necessário.

A Deus, pela iluminação e inspiração.

EPÍGRAFE

“Ler um jornal pela primeira vez é como entrar no cinema e encontrar o filme já com uma hora de exibição. Os jornais são como novelas. Para entendê-los é preciso conhecê-los; o melhor conhecimento é o fornecido pelo próprio jornal”.

(V.S.Naipaul, romancista britânico, 1987).

RESUMO

CATANI, Andersson. **A Emancipação Política de Marau Através dos Jornais “O Salame” e “O Nacional”**. Passo Fundo. 2013. Trabalho de conclusão de curso. UPF, 2013.

O objetivo deste trabalho é analisar diferentes abordagens sobre um mesmo fato jornalístico. A escolha recaiu sobre a emancipação político-administrativa do município de Marau. Para que se evidencie as discrepâncias e similaridades – quando ocorrerem – no texto, nas linhas editoriais e no posicionamento jornalístico, serão comparadas notícias de dois jornais: “O Salame” e “O Nacional”. O primeiro, um periódico modesto que circulava no então 5º distrito de Passo Fundo. O segundo, uma empresa consolidada, praticamente um sinônimo de “imprensa” no município de Passo Fundo na primeira metade do século XX. Para que a análise seja sucinta e clara, ela será realizada por amostragem: três notícias de cada periódico serão comparadas, todas elas publicadas dentro do período da luta pela emancipação marauense, de 1947 a 1954.

Antes da análise discursiva, é claro, é preciso abordar os primórdios do jornalismo impresso, o crescimento e as particularidades do jornal de papel no Brasil e no Rio Grande do Sul, e as peculiaridades do jornalismo interiorano. É necessário também explicar o pano de fundo onde a História foi escrita: as décadas de 40 e 50 na política brasileira e, por consequência, no estado e na região. O histórico dos municípios de Passo Fundo e de Marau também servirá para que se chegue a conclusões no encerramento deste trabalho.

Acima de tudo, pretende-se ratificar a condição do jornal impresso não apenas como formador de opinião, mas como bandeira e estandarte quando estas opiniões são postas em confronto.

Palavras-chave: Imprensa Escrita, Jornalismo, Jornalismo Interiorano, Análise, Jornal O Salame, Jornal O Nacional, Marau, Passo Fundo.

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	8
1. A COMUNICAÇÃO	11
1.1. O surgimento do jornalismo impresso	12
1.2. O Jornal impresso no Brasil	15
1.3. A Imprensa no Rio Grande do Sul	17
1.4. O Jornalismo no Interior (na primeira metade do século XX)	20
2. AMBIENTAÇÃO HISTÓRICA	23
3.1. Breve histórico de Passo Fundo	23
3.2. Breve histórico de Marau	25
3.3. O pano de fundo político das décadas de 40 e 50 do século XX	29
3.4. O processo de emancipação de Marau	31
3. OS PERSONAGENS	33
4.1. O aglutinador da emancipação	33
4.2. Jornal O Salame	36
4.3. Jornal O Nacional	38
4. ANÁLISE DE CONTEÚDO	40
4.1. Matérias de O Nacional	41
4.1.1. Matéria 01	41
4.1.2. Matéria 02	42
4.1.3. Matéria 03	43
4.2. Matérias de O Salame	45
4.2.1 Matéria 04	45
4.2.2. Matéria 05	46
4.2.3. Matéria 06	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

Desde que o ser humano capacitou-se a desenvolver pensamentos, articular considerações e formular raciocínios, pensa-se em maneiras eficientes para que se possa propagá-los no objetivo de atingir o maior número de pessoas possível. Não bastaria, então, chegar a conclusões, quando tão importante quanto, é transmiti-las, debatê-las, eterniza-las para que assim outras pessoas – por vezes comunidades inteiras – sejam atingidas por elas, tenham suas vidas e rotinas influenciadas por estas ideias, e assim se crie uma verdade, um senso comum, uma “opinião pública”, muitas vezes em benefício daquele que primeiro enxergou e conseguiu traduzi-la em linguagem atraente.

Assim surgiu a imprensa. Com objetivo de informar e esclarecer, mas também visando doutrinar, propagar determinado pensamento e exercer o comando através do poder da informação.

É inegável, pelos exemplos abundantes que nos fornece a História, a importância da imprensa para a aglutinação de comunidades inteiras em torno de um alvo específico, que por vezes não teria seu alcance possível, não fosse encampado por um órgão capaz de comunicar, de maneira eficiente e ao mesmo tempo rápida, para o maior número de indivíduos, as diretrizes necessárias e as atitudes a serem tomadas. Vê-se a imprensa diversas vezes exercendo a voz da liderança em variadas ocasiões.

Na emancipação político-administrativa de Marau, município que divide a Serra e o Planalto Médio gaúchos (guardando assim características das duas regiões geográficas), há um exemplo claro. A comunidade em crescimento se informava dos procedimentos e das ações em prol de sua independência política através das páginas de “O Salame”, semanário comandado por Gustavo Silveira Ferret e Pedro Piran. Nas linhas de um jornal artesanal, produzido e distribuído dentro de um frigorífico, mas carregado de doutrinação política e de posicionamentos bem definidos, a comunidade se enxergava. Paralelo a isso, no município-mãe circulava um jornal consolidado, de reputação sólida e importância ímpar. “O Nacional”, de Múcio de Castro, abordava o assunto de maneira diferente, oferecendo a visão cosmopolita necessária para que se criassem duas maneiras distintas de abordar o fato: a “versão do campo” e a “versão da cidade”, não antagônicas, mas diferentes entre si.

É possível compreender boa parte do movimentado e turbulento cenário político das décadas de 40 e 50, somente analisando os fatos relacionados ao processo de emancipação de Marau e sua repercussão na imprensa da época. A rivalidade entre PSD e PTB, duas siglas

dominantes em Passo Fundo no período, é o estopim do processo. Mas é preciso salientar que tanto “O Salame” quanto “O Nacional” tinham seus proprietários e editores envolvidos com a mesma agremiação. Que fatores poderiam levar as coberturas realizadas para lados distintos? Tão importante quanto, é perguntar-nos como isso pode ter influenciado – e até certo ponto alterado – o processo de emancipação?

Para responder estes questionamentos, serão utilizadas variadas fontes. Iniciando pelas que abordam as origens do jornalismo impresso, meio que por séculos foi o principal método de comunicação em massa e que ainda hoje é vital na organização política e social de comunidades interioranas e carrega o status de “verdade” para diversos grupos. No primeiro capítulo deste estudo, a evolução da comunicação à imprensa, e da imprensa ao jornalismo serão abordadas, dando destaque também às particularidades específicas do jornalismo do interior. Este capítulo auxiliará a compreender a vinculação de jornais impressos à política, e os aspectos peculiares encontrados na imprensa gaúcha, desde suas origens.

No segundo capítulo, uma ambientação histórica será constituída, através de breves históricos dos municípios de Marau e Passo Fundo, evidenciando diferenças nas origens das povoações e pontuando fatores que podem ter levado as comunidades locais a conflitos ideológicos e posicionamentos diferenciados, o que seria posteriormente retratado em seus órgãos de comunicação. O processo de emancipação de Marau, que durou sete anos e é o tema central da cobertura jornalística que será analisada neste trabalho, também será abordado no segundo capítulo. Será enfocada a primeira tentativa infrutífera, as siglas envolvidas no processo e que meios a comunidade dispunha para informar-se do andamento dos trâmites de emancipação. Toda esta luta se deu em um momento convulsivo da política nacional. A segunda metade da década de 40, quando o processo de desvinculação de Marau e Passo Fundo é desencadeado, é marcada pelo fim do Estado Novo e a reabertura democrática, com o surgimento de novas siglas, realização de eleições, enfim, envolvimento exponencial das comunidades com a vida pública e, conseqüentemente, surgimento de novas celebridades políticas. Este pano de fundo também ganhará espaço no segundo capítulo.

O terceiro capítulo trará informações sobre os personagens centrais dos fatos. Elpídio Fialho, líder emancipacionista e principal agente político do então 5º distrito, era o homem que unia O Salame e O Nacional sob a mesma bandeira – contrária a ele, neste caso. A figura de Elpídio Fialho, por ser adversária política tanto de Gustavo Silveira Ferret – diretor de O Salame em Marau, como de Múcio de Castro – diretor de O Nacional, em Passo Fundo, é central para a emancipação, mas também para entendermos os caminhos diferentes que as coberturas jornalísticas dos dois órgãos tomaram no decorrer do processo.

A análise de conteúdo realizada no quarto e último capítulo evidenciará os fatores expostos neste trabalho e esmiuçará o pensamento dos sujeitos em questão – os diretores dos dois jornais cujas coberturas serão analisadas – e explicitará o caminho inverso em que as duas coberturas tomaram, embora tão próximas fossem as linhas editoriais destes órgãos.

O trabalho de pesquisadores como Francisco Bernardi, Eliane Aguirre e Clelia Bortolini será citado efusivamente, na medida em que o trabalho mergulhe em definitivo na história destes dois municípios, relatada com fidelidade – independente de “a quem” ou “para quê” – nas linhas de “O Nacional” e “O Salame”.

De maneira focada, este trabalho mostrará a importância da imprensa escrita no interior, principalmente quando é necessária uma união inédita, que só poderia vir se fosse conclamada pelas páginas de um jornal.

1. A COMUNICAÇÃO

O Homem, desde a pré-história, sente necessidade de se comunicar. Não apenas para sanar seus desejos básicos e instintivos por comida, abrigo e reprodução. Atualmente, a palavra “comunicação” está convencionalmente ligada aos órgãos que dela sobrevivem, ou que nela se beneficiam, à mídia em geral e ao uso de ferramentas com a finalidade de repercutir determinada mensagem. Mas ao se falar em história da comunicação, é preciso lembrar que o ato de se comunicar nasceu muito antes da imprensa, em virtude da necessidade humana.

O ato da comunicação nasceu ainda anteriormente às ferramentas mais corriqueiras que o ser humano utiliza: a linguagem e a escrita. No livro “Introdução à História da Comunicação”, Pablo Laignier e Rafael Fortes constatam que:

[...] os primeiros proto-humanos se comunicavam de forma incipiente. Isso ocorria por dois motivos principais. A) a capacidade de aprendizagem das espécies proto-humanas não era suficiente para criar códigos complexos, o que foi se modificando gradualmente conforme se alterava a relação entre cérebro e corpo; B) os proto-humanos eram incapazes de falar, devido a sua própria constituição física no que se refere aos elementos constitutivos da fala. (LAIGNIER E FORTES, 2009, p. 10)

A fala é, portanto, uma evolução ao processo comunicativo, necessária para que as mensagens transmitidas pudessem ganhar em complexidade, quantidade de informação e detalhamento. É resultado da evolução em virtude da necessidade. Não pode ser considerada marco inicial da comunicação. Porém, algo que evoluiu da fala, sua representação gráfica, a escrita, é a base inicial para o desenvolvimento da imprensa.

Embora ela seja vista como uma melhoria no processo de transmissão da informação e um avanço comunicacional entre os seres humanos, evidências históricas registram que o que levou a humanidade a registrar símbolos e informações em papel ou argila foram motivações econômicas. A partir do momento em que o ser humano começou a habitar locais determinados, viver de forma sedentária, adquiriu gradualmente a necessidade de estabelecer limites a este território (LAIGNIER E FORTES, 2009 p. 16). Não por coincidência, a escrita

surgiu em territórios sumérios e egípcios, onde também a agricultura começou a ser praticada. Além disso, as sociedades rudimentares que se criaram também tinham a necessidade de registrar os feitos de seus reis, contabilizar as oferendas a seus deuses e organizar satisfatoriamente seus impostos.

Escrever é desenhar símbolos em uma superfície. Esta habilidade criada para que se facilitasse a vida econômica, política e religiosa de determinadas comunidades, também possibilitou a repercussão – e a reprodução – de informação em maior escala. Patrícia Bandeira de Mello, afirma que:

A reprodução de textos teve início com os copistas e os escribas, que, com o desenvolvimento da escrita, do pergaminho e do papel, puderam fazer cópias de textos religiosos, literários e filosóficos. Até a Idade Média, as informações eram restritas e controladas, mas com o ciclo das navegações e a expansão da atividade comercial, a partir do século XIII, veio a troca de mercadorias e também de informações. O crescimento econômico da época favoreceu o acesso à alfabetização, reduzindo cada vez mais a necessidade de que textos fossem lidos em público para a população iletrada. (MELLO, 2005, p. 2)

A escrita à mão não permitia que a informação fosse reproduzida em grande escala e em menor tempo. Mas, em 1452 (MELLO, 2005) o alemão Johannes Guttenberg desenvolveu a prensa com tipos móveis, com capacidade de impressão em papel, utilizando uma tinta também desenvolvida por ele. Usando-a, imprimiu sua famosa Bíblia de 42 linhas, primeiro livro impresso em tipografia.

1.1 O Surgimento do Jornalismo Impresso

Apesar de a arte de imprimir ser de data imemorial e os próprios tipos, metálicos ou em barro, serem datados de um século antes, provenientes da China e da Coréia, os tipos móveis de Guttenberg proporcionaram um “aprimoramento do comércio entre Europa e Ásia que favoreceu o desenvolvimento da tecnologia gráfica” (MELLO, pag. 2).

A partir daí, o material impresso passou a ser um novo fio condutor de ideias. Filósofos, poetas, pensadores e estudiosos tinham um instrumento para propagar suas ideias em larga escala e de forma mediada. Surgiram, então, as primeiras impressões sobre a humanidade. Elas se dividiam em três grupos principais: os libelos – que eram folhas com textos opinativos e dissertações sobre determinado tema; as gazetas – que traziam

informações úteis sobre a atualidade; e os pasquins, que traziam informações de cunho pessoal e relatos de desgraças alheias. Foi da combinação destes três tipos de matéria impressa que surgiu, no século XVII, o Jornalismo.

A Associação Nacional De Jornais – ANJ, em artigo intitulado “Jornais: breve história (acessado em 19 de outubro de 2013,)”, explicita as primeiras publicações que podem ser rotuladas com esta nomenclatura:

Os primeiros jornais modernos foram produto de países da Europa ocidental, como a Alemanha (que publicou o *Avisa Relation oder Zeitung* em 1609), a França (*Gazette* em 1631), a Bélgica (*Nieuwe Tijdingen* em 1616) e a Inglaterra (o *London Gazette*, fundado em 1665, ainda hoje publicado como diário oficial do Judiciário). Esses jornais traziam principalmente notícias da Europa e, ocasionalmente, incluíam informações vindas da América ou Ásia. Raramente cobriam matérias nacionais; os jornais ingleses preferiam relatar derrotas militares sofridas pela França, enquanto os jornais franceses cobriam os mais recentes escândalos da família real inglesa. (ANJ, p. 1)

É preciso, contudo, diferenciar “imprensa” e “jornalismo” antes de prosseguir. Imprensa, segundo os autores Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, é o conjunto dos processos de impressão. Ainda, “[...] o conjunto dos processos de difusão de informações jornalísticas por veículos impressos [...]” (Barbosa e Rabaça, 1978, p. 379). Nota-se que os autores referem-se à imprensa escrita – objeto deste estudo. Mas a mesma definição, ainda segundo os autores, pode ser utilizada para imprensa falada, televisionada e *online*. Qual seja: o processo de difusão das informações.

Já o Jornalismo difere do processo de difusão de conteúdos e das tecnologias que possibilitam tal difusão. Trata-se da produção de informações. Ainda pela definição de Barbosa e Rabaça (1978, p. 380): “Atividade profissional que tem por objeto a apuração, o processamento e a transmissão periódica de informações da atualidade para o grande público ou para determinados segmentos desse público através de veículos de difusão coletiva”.

Através desta explicação é possível visualizar o fato de que “imprensa” e “jornalismo” são dois conceitos que, embora estejam intimamente ligados, são plenamente dissociáveis e não tem raízes simultâneas.

No século XVIII surge o primeiro jornal diário do mundo: o *Daily Courant*, na Inglaterra, em 1702. No período da Revolução Francesa o Jornalismo avança. De 1789 a 1800 surgem mais de 1.500 novos títulos.

A partir de então, imprensa e jornalismo crescem contiguamente. Este crescimento acontece também em paralelo ao desenvolvimento e à evolução do ocidente, levando em conta, segundo Albert e Terrou (1990), fatores políticos, sociais, econômicos e a evolução de tecnologias, como melhorias na impressão e no transporte. A facilidade na obtenção de informações sobre terras e acontecimentos longínquos também auxiliou na expansão da imprensa, principalmente a partir da criação das primeiras agências de notícias – impulsionadas pela invenção do telégrafo. Depois da primeira delas, a Havas, fundada em 1832, diversas outras apareceram e algumas seguem em atuação ainda hoje, como a *Associated Press* e a *Reuters*, por exemplo.

Tantas evoluções paralelas levam os órgãos de jornalismo impresso a um tempo de prosperidade e relativa tranqüilidade. A necessidade de informação se tornava cada vez maior. Ainda conforme Albert e Terrou (p. 51):

Essa época foi, em vários sentidos, a verdadeira idade de ouro da imprensa: seu mercado estava em expansão constante e ela não tinha, com a possível exceção da França, atingido seu ponto de saturação. E, sobretudo, a imprensa escrita não precisava temer nenhuma concorrência porque era o único meio de informação coletivo. (ALBERT E TERROU, 1990, P. 51)

O aumento da tiragem – pela crescente necessidade de informação e a prosperidade de diversos órgãos – é o passo natural para a criação de marcas fortes que se consolidam na rotina de grandes populações. Este cenário segue até o século XX, até o período das Guerras Mundiais. De acordo com Albert e Terrou (1990, p. 79), “após a segunda grande guerra, a crescente diversificação das categorias e dos tipos de publicações torna difícil a apresentação de uma evolução que se caracteriza pela sua complexidade”.

A partir de então, em paralelo aos jornais, outras mídias passaram a se tornar cada vez mais sólidas, iniciando pelas revistas ilustradas, o rádio, e chegando à televisão e à internet no período contemporâneo. Mas o conflito entre o jornal impresso e as crescentes mídias alternativas e outros meios de comunicação de massa, e a conseqüente decadência do jornalismo impresso não serão abordados por este estudo, dada a irrelevância em relação ao assunto abordado – a emancipação de Marau – que ocorreu em período anterior à disseminação de outras mídias.

1.2 O Jornal Impresso no Brasil

O Brasil, por ainda ser colônia portuguesa neste período, não participa do crescimento do jornalismo impresso no mesmo período que a Europa. Somente no início do século XIX é que se veria o surgimento do jornal impresso na colônia.

Porém, como visto anteriormente, os termos “jornalismo” e “imprensa” são facilmente dissociáveis. Dentro desta diferenciação, afirma-se que:

No Brasil, apesar de não termos tido imprensa senão às vésperas do Ipiranga, nem por isso o colono português integrado na nossa vida, ou o nativo, deixou de praticar o jornalismo. A exemplo de outros povos, apelou para a informação e a sátira verbal, para o pasquim e a folha volante. Nos tempos mais remotos da colonização, era dos púlpitos das igrejas que se utilizavam os letrados oradores sacros para transmitir notícias e conselhos à comunidade. (BELTRÃO, 1960, p. 19)

Beltrão ainda cita a oralidade como fonte de informação, também na colônia portuguesa do Brasil. É através de relatos orais, em locais de grande aglomeração – ou sempre que algum estrangeiro se apresentava – que as notícias corriam pelo território brasileiro:

As notícias oficiais eram transmitidas por bandos, dos quais eram incumbidos comandantes e capitães-mores, com acompanhamento de alguns soldados e tambores. Para o interior, seguiam bandeiras e tropas e, de engenho a engenho, de povoação a povoação, as notícias corriam pela boca dos capitães do mato, dos tropeiros e mascates — como na Idade Média pela voz dos jograis. (BELTRÃO, 1960, pag. 19).

Falar de Jornalismo no país é praticamente dar um salto de 300 anos na história da colônia. A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, foi o primeiro passo para que o futuro país contasse com seus primeiros órgãos de jornalismo. Antes disso, porém, a imprensa chega ao país, de forma oficial, através da implantação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, que imprimiu leis e papéis diplomáticos, sob censura prévia. Seguindo a ordem cronológica apresentada pelo jornalista Ricardo Noblat, no livro *A Arte de Fazer um*

Jornal Diário (2003), destaca-se, logo depois, a iniciativa de Hipólito José da Costa, que edita em Londres, em 1º de junho de 1808, o *Correio Brasiliense*. O próprio Noblat, ainda, salienta o fato de o *Correio* não ser propriamente um jornal. “É, na verdade, uma revista doutrinária, defensora da liberdade de imprensa e da Constituinte” (NOBLAT, 2003, p. 166). No mesmo ano, tem-se a impressão do que seria o primeiro jornal impresso em território brasileiro: a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Impresso pela *Imprensa Régia*, ele traz informações administrativas e retrata a vida social do reino. A cronologia apresentada por Noblat, destaca, entre outros, os seguintes fatos:

Em 1820, O *Revérbero Constitucional Fluminense* assume importante papel na campanha para convocação da Assembléia Constituinte, que ocorreria em 1823. A *Malagueta* surge de maneira independente, defendendo idéias liberais. Os dois exemplos salientam uma característica que muitos jornais brasileiros manteriam até 1880: publicações panfletárias que defendiam um ou outro ideal político da época;

Em 1821, com o fim da censura prévia, surge o *Diário do Rio de Janeiro*, considerado o primeiro jornal informativo do país

Um ano depois de sua fundação, A *Província de São Paulo* dá início à venda avulsa de jornais. Até então, apenas assinantes tinham acesso à publicação. Em 1890, o veículo passa a se chamar *O Estado de São Paulo*, que viria a ser um dos mais tradicionais jornais do país até os dias.

Ao assumir O Jornal, Em 1924, Assis Chateaubriand dá início ao primeiro império de comunicação do país, os Diários Associados, que tomaria este nome logo após a Revolução de 30;

De 1934 a 1945, durante o chamado Estado Novo, atua o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, vetando o registro de diversas revistas e jornais. Com a volta da censura, 420 jornais e 346 revistas tem seu registro vetado no Brasil. Novamente, é desnecessário listarmos acontecimentos posteriores aos anos 1950, que pouco contribuem para a compreensão do tema proposto neste estudo.

Com a chegada da década de 50, diversas mudanças foram implantadas no jornalismo brasileiro. A reforma do *Jornal do Brasil* viria a mudar o modelo de jornal feito até então no país. “[...] começa em 1957, quando o JB compra uma nova impressora e faz uma mudança gráfica no jornal, retira os fios, faz uma diagramação mais limpa e passa a valorizar as fotografias” (NOBLAT, 2003, p. 170). Ainda é possível salientar a implantação progressiva do *lead* e do *copidesque*, iniciando pelos jornais dos grandes centros na década de 50. Mas a principal mudança, salientada pela autora Alzira Alves de Abreu, na obra *A Imprensa em*

Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50 (FGV, 1996), é o abandono de uma de suas principais tradições: o jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião. “Essa forma de jornalismo convivia com o jornal popular, que tinha como características o grande espaço para o *fait divers*, a crônica e a publicação de folhetins. A política da atualidade não estava ausente, mas era apresentada com uma linguagem pouco objetiva”. (ABREU, 1995, p. 15.)

Porém, estas mudanças fundamentais ocorreram primeiramente no centro do país. No Rio Grande do Sul, apenas na década de 1970 é que foi adotado um jornalismo informativo em detrimento do jornalismo de opinião e do columnismo, herança da imprensa francesa. Ainda assim, esta mudança de padrão inicia, por óbvio, nos jornais de maior circulação, situados na capital Porto Alegre. É neles que esta herança passou a ser substituída pelo modelo americano, com “[...] um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação”. (ABREU, 1995, p. 15).

1.3 A Imprensa no Rio Grande do Sul

A imprensa gaúcha esteve ligada à política desde o gênese, em 1827. Nesta data surgiu o primeiro jornal gaúcho, sob o nome de *O Diário de Porto Alegre*. Era patrocinado pelo então presidente da província, Salvador José Maciel. Segundo Beatriz Dornelles, no artigo intitulado Trajetória da Imprensa Gaúcha, Porto Alegre tinha na época em torno de 15 mil habitantes, e o aumento do público letrado se tornava evidente. O governador, então, “[...] objetivava facilitar a comunicação dos pensamentos e a divulgação de suas publicações”. A mesma autora ainda ressalta, sobre os primórdios da imprensa gaúcha:

Nos oito anos que se seguiram ao aparecimento do Diário de Porto Alegre foram lançados 32 jornais, [...]. A periodicidade das publicações dessa época era bissemanária ou trissemanária, sendo poucos os diários. Há registros sobre a existência de 12 diários entre 1850 e 1875, mas com pouca duração. A venda era feita só por assinaturas ou diretamente no escritório da tipografia. A função dos jornais, naquela época, era totalmente política, com textos doutrinários, linguagem antiética, sem preocupação moral com relação às denúncias e críticas aos adversários. (DORNELLES, 2004, p. 17).

É salutar fazer-se uma pontuação neste contexto. Por sua característica política, os jornais gaúchos carregaram, por muito tempo, radicalizações que levaram a movimentos e processos sociais, inclusive guerras. Como cita Francisco Rudiger (1993), “Nas páginas dos jornais se gestaram as idéias que radicalizaram o processo político e levaram ao movimento farroupilha”.

Mesmo depois da revolução, que perduraria por dez anos, entre 1835 e 1845, o ofício do jornalismo ficou estagnado, devido a função primordial do jornalismo nas terras gaúchas, que era a divulgação ideológica. Mesmo as tipografias que tentaram publicar seus jornais independentes mantinham estreito vínculo com o Estado, através de subsídios e auxílios financeiros. Assim, os governos seguiam com as rédeas em relação à publicidade e à Opinião Pública. Este mesmo tipo de imprensa surge no interior do estado, em cidades como Pelotas, Bagé, Jaguarão e Rio Grande, e na segunda metade do século XIX, em diversos outros pontos da província. Ainda de acordo com Dornelles (2004), estes pasquins seguiam a habitual receita que se tornou conhecida no jornalismo gaúcho: a falta de responsabilidade com os conceitos externados, ataques morais e abusos de linguagem.

Paralelo à proliferação dos pasquins, nascem também os jornais partidários, que inauguram no estado as redações, propriamente ditas. Os tipógrafos, que antes faziam o papel dos jornalistas, são então substituídos na função pelos políticos. Afirma Rudiger :

O jornalismo político-partidário desenvolveu a concepção de que o papel dos jornais é essencialmente opinativo, visa veicular organizadamente a doutrina e a opinião dos partidos na sociedade civil. Os jornalistas são os responsáveis pela tarefa de transmitir de forma criteriosa a doutrina dos partidos e dirigir a opinião pública. (RUDIGER, 1993, p. 26).

Nesta categoria – a de jornais vinculados a partidos políticos – destaca-se a fundação, em 1869, do jornal *A Reforma*, do Partido Liberal. Chefiado por Gaspar Silveira Martins, o órgão chegou a imprimir cerca de 20 mil exemplares em algumas de suas edições, que eram distribuídas gratuitamente em todo o estado. Este não era o cenário apenas da capital, mas de todo o território gaúcho, com jornais ligados a siglas partidárias surgindo em diversos municípios. O *Diário de Pelotas* (1867) e *O Conservador* (1879), ambos em Pelotas; o *Diário do Rio Grande* (1848) e o *Echo do Sul* (1856), em Rio Grande; a *Gazeta de Alegrete* (1882), de Alegrete, e o *Echo da Verdade* (1890) primeiro jornal de Passo Fundo, são exemplos de veículos de imprensa duradouros alinhados a partidos políticos Rio Grande a fora.

Fenômeno curioso é que muitos jornais apareciam somente em períodos eleitorais, como forma de sustentar a publicidade de um ou outro candidato, além de criar um espaço para discussão de problemas da sociedade civil. “A sobrevivência das candidaturas políticas dependia da publicidade sustentada pelos periódicos, controlados pelas cúpulas partidárias [...]”. (DORNELLES, 2004). Passado o período eleitoral, apenas os jornais dos partidos vencedores eram mantidos em funcionamento, geralmente como órgão oficioso do governo.

A proclamação da República, datada de 1889, não diminuiu o acirramento da rivalidade entre os partidos políticos e, conseqüentemente, entre seus órgãos de imprensa oficiais. Os jornais tornam a carregar palavras que levam à guerra civil – a revolução federalista, de 1893 a 1895. Destacam-se principalmente *A Federação* (1884), dirigido inicialmente por Julio de Castilhos e seu Partido Republicano Rio-Grandense, e novamente *A Reforma*, já transferido para o Rio de Janeiro, mas ainda sob o comando de Gaspar Silveira Martins e do Partido Liberal gaúcho. Ao fim de mais uma revolução, e a posterior elevação de *A Federação* ao posto de órgão oficial do estado, seguiu-se um período de forte repressão, não sendo raras as ocasiões em que se praticava “censura policial direta nas redações, ocorrendo a prisão de diversos jornalistas e o fechamento de várias folhas na capital e no Interior” (DORNELLES, 2004). Este cenário – pouco profícuo aos jornalistas – perdurou até a terceira década do século XX.

Para sobreviverem a este período de coerção, alguns jornais adotaram uma postura diferente. Passaram simplesmente a informar os fatos. O jornalismo noticioso de então – que já existia no século XIX, mas com menor expressão – começa a ganhar força no estado, tendo o *Correio do Povo*, fundado em 1895 e ainda em circulação, como grande expoente. A doutrinação já perdia espaço para a difusão de notícias e a discussão dos temas previamente interessantes à sociedade. Os jornais passaram a se adaptar à opinião pública.

A formação, senão de uma sociedade, pelo menos de uma mentalidade burguesa, favorecia a diversificação das concepções jornalísticas vigentes, propondo a supremacia de novos valores como a veracidade editorial, que na realidade contribuíam para a expansão do público potencial de cada periódico ao rejeitarem o compromisso político-partidário do jornalismo dominante à época. Em conseqüência disso, verifica-se a manifestação cada vez mais comum do princípio da neutralidade nos novos jornais, que visam com isso não somente se subtrair às conveniências partidárias, mas promover o interesse geral da sociedade. (RÜDIGER, 1993, p. 46).

Nesta gradativa transformação dos jornais, de político-partidários para literário-noticiosos, outras mudanças foram consolidadas. A aparência tornou-se mais leve, o número de páginas aumentou (das tradicionais quatro para até 12) e as ilustrações passaram a ser progressivamente substituídas pelas fotografias a partir de 1910. A partir de 1925 o *Correio do Povo* ganha um concorrente: o *Diário de Notícias*, que também adota uma aparente imparcialidade e uma postura empresarial. Esta neutralidade figurada atrai um público leitor maior e viabiliza a publicidade, que com o tempo passaria a ser o maior financiador da imprensa escrita.

A mudança verificada no jornalismo, entretanto, não significou, na época, a neutralidade e imparcialidade dos jornais em relação aos seus candidatos políticos. O que aconteceu foi apenas a omissão explícita deste interesse. Os donos de jornais continuaram defendendo determinados nomes, mas negando publicamente que estariam sendo parciais. Além da dissimulação da grande imprensa, o desenvolvimento do jornalismo provocou, também, a decadência da imprensa interiorana no final dos anos 50 e início dos anos 60, bem como o monopólio da imprensa da capital, especialmente em termos de distribuição de verba publicitária. (DORNELLES, 2004).

Já enfraquecido, o Jornalismo político-partidário perde ainda mais espaço com o Estado Novo. A ditadura simbolizada por Getúlio Vargas extingue os partidos políticos em 1932. Como consequência, põe também fim à antiga maneira de se fazer jornalismo, e consolida a transformação dos grandes jornais nas empresas que, a partir de então, dominariam o cenário da imprensa no estado.

1.4. O Jornalismo no Interior (na Primeira Metade do Século XX)

Pedro Celso Campos, em artigo publicado no site Observatório de Imprensa, intitulado “O papel do jornal no interior”, lança a seguinte pergunta: Como é ser jornalista no interior? Logo depois, complementa (CAMPOS, 2008):

Antes de mais nada é preciso conhecer de perto esse mercado ainda dominado por muito aventureirismo empresarial, o que leva alguns meios acadêmicos a se distanciarem dele ao confundirem tal atividade com pura e simples "picaretagem", isto é, um jornalismo voltado apenas para o faturamento, sem distinção entre notícia

e matéria paga, resultando em baixa credibilidade diante do público, principalmente por causa das influências políticas, partidárias, econômicas, religiosas etc.

Evidente que esta análise é embasada nos dias atuais, mas é inegável que o jornalismo no interior, de qualquer época, é mais susceptível a vínculos com determinadas agremiações, sejam elas políticas, sindicais ou religiosas, por exemplo. Enquanto os órgãos das capitais evoluíram rapidamente pela grande demanda de publicidade e uma maior sustentação financeira, o mesmo não aconteceu simultaneamente na maioria dos órgãos do interior. Ainda de acordo com Rüdiger (1993), “A falta de sustentação econômica no Interior, até os anos 60, não permitiu que grande parte dos jornais se transformassem em empresas jornalísticas”. Por isso, é possível encontrar, inclusive na segunda metade do século XX, jornais de postura político-partidária no interior do Rio Grande do Sul.

Ainda assim, os jornais do interior guardam um aspecto comunitário. Embora Beatriz Dornelles (2004) explique que esta definição – “comunitário” – seja apenas uma forma simplória utilizada pelos próprios profissionais do meio para designar algo feito de acordo com os interesses de determinada comunidade e voltado a ela, não levando em consideração todos os aspectos teóricos do jornalismo, de fato, comunitário. Dornelles salienta ainda que os leitores do interior teriam, em primeiro lugar, interesse em saber o que acontece na localidade e somente depois em nível estadual, nacional e mundial.

Esse tipo de jornalismo do interior é muito mais comportamental do que estrutural. Estabelece-se de acordo com a política de vizinhança, a solidariedade, o coletivismo, os valores, a moral, a fé religiosa, o respeito humano e a cultura de pequenas populações, sobressaindo-se, por exemplo, o bairrismo e a solidariedade entre os moradores, mas segue as mesmas normas e definições básicas da teoria que estabelece a prática do jornalismo informativo, assim como seu Código de Ética. (DORNELLES, 2004, p. 132).

Como “comunidade”, adotemos o conceito utilizado pela mesma autora: “[...] um grupo humano independente do número de pessoas, que vive em uma determinada área geográfica, caracterizado por um conjunto de relações e contatos íntimos, possuindo a mesma tradição, os mesmos costumes e os mesmos interesses, mais a consciência da participação em idéias e valores comuns. (FERREIRA, 1968, apud DORNELLES, 2004, p. 131).

Cientes de que o objeto deste estudo, a cobertura jornalística da emancipação de Marau, ocorre entre os anos de 1947 e 1954, é necessário salientar que os dois órgãos que

terão suas matérias analisadas, *O Nacional* e *O Salame*, apresentavam características “comunitárias” em escalas diferentes. Em Passo Fundo, por existir uma população maior e um acesso facilitado aos grandes centros, o jornalismo evoluiu mais rapidamente, e apresentava, já no fim da primeira metade do século XX, características de empresa jornalística. Mesmo assim, como ainda não existia a ADJORI – Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul (fundada em 1963), não havia a exigência, por exemplo, de Alvará da Prefeitura, registro no Livro Especial em Cartório, registro jurídico da empresa na Junta Comercial e registro do nome e marca do jornal no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Ainda, na cronologia de Noblat (2003, p. 263), citada anteriormente, o decreto que define o profissional de jornalismo e suas funções e condiciona o exercício do jornalismo ao diploma de curso superior data de 1962, também posterior aos acontecimentos que são alvo deste estudo. Nota-se, portanto, que a complexidade crescente da função de jornalista, que já se via nos órgãos das capitais nas primeiras décadas do século XX, ainda não era regra no interior.

Ambos, entretanto, encaixam-se na característica que Campos (2008) aponta como essencial ao jornal do interior: “[...] insubstituível como marco referencial da comunidade, cabendo aos jornais regionais ou mesmo aos jornais dos grandes centros, apenas o papel secundário de ‘segunda leitura’”.

É somente nos anos 70 que a imprensa gaúcha interiorana adota o jornalismo informativo como método de produção dos periódicos. Assim, o jornalismo de opinião e o colonismo perdem espaço. Antes disso, a linguagem, a o aspecto e o conteúdo assemelhavam-se ainda com os primeiros jornais do século. A diferença residia no fato de que as linhas escritas tinham como foco um número reduzido de pessoas, e uma comunidade próxima, em que emissor e receptor identificam-se entre si.

2. AMBIENTAÇÃO HISTÓRICA

Os fatos que estão sendo analisados neste estudo ocorrem em um período turbulento da história e da política nacional. Esta turbulência influencia diretamente o desenrolar dos acontecimentos em Passo Fundo e no então Distrito de Marau. O período segue ao fim do Estado Novo, período em que Getúlio Vargas governou o Brasil sob um regime de exceção, no qual o país participou de uma guerra mundial e se viu dividido entre o fascismo e o capital americano. A fundação de novos partidos, a reabertura política, a agitação que o cenário de novas eleições e nova militância trazia, expôs traços da cultura e das origens que as duas povoações – Passo Fundo e Marau – embora geograficamente próximas, tinham de mais distantes uma da outra.

Estas origens, estes traços culturais e de colonização, além da turbulenta década de 40 na política nacional, estadual e municipal, é o que será estudado neste capítulo. Ao fim, ainda dissertaremos sobre o processo de emancipação de Marau, o divisor de águas que representa o fim do período no qual se concentra esta análise.

2.1. Breve Histórico de Passo Fundo

O endereço virtual do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – acessado em 10 de novembro de 2013, nos informa que Passo Fundo está localizado na mesorregião noroeste Rio-Grandense, onde faz divisa com os municípios de Pontão, Coxilha, Mato Castelhana, Marau, Ernestina, Santo Antônio do Planalto e Carazinho. No ano de 2010, o município tinha 200.028 habitantes. O município tem cerca de 790,355 km² de extensão territorial e encontra-se em média a 687 metros acima do nível do mar.

A região antiga de Passo Fundo fez parte da província organizada pelos padres jesuítas, denominada “Missões Orientais do Uruguai”. O território estava, portanto, sujeito ao regramento do Povo de São João Batista, que havia sido fundado em 1698. Nos conta Bertol e Frosi: “Nessas regiões de Missões, os jesuítas desenvolveram a agricultura, a plantação de

erva-mate e a pecuária, junto aos índios. Uma vida social e econômica bastante ativa e, por isso, cobiçada pelos colonizadores, tropeiros e traficantes de escravos, que capturavam e vendiam índios” (BERTOL E FROSI, 2004, p. 11)

Alberto Disarz, em sua obra *Marau Ontem e Hoje* (1972, p. 17), conta que por volta de 1800, a única estrada entre a fronteira meridional do Rio Grande do Sul e a feira de Sorocaba, em São Paulo, era a que penetrava o território catarinense, passando pelos campos da Vacaria, traçando-se uma grande volta, que prolongava consideravelmente a viagem e atravessava regiões montanhosas, vastas florestas e grandes rios, que podiam ser vencidos apenas a nado.

Porém, em 1819, o tropeiro paulista João de Barros atravessou, sem grandes dificuldades, a campanha missioneira, atravessou o Mato Castelhana por um pique e retomou a estrada de Viamão, ao pé da Vacaria. A notícia espalhou-se depressa e o novo caminho passou a ser utilizado pelas tropas que faziam o comércio de muars.

A povoação do território que viria a se tornar o município inicia-se por intermédio do Capitão de Milícias Manuel José das Neves, que funda no local a Fazenda Nossa Senhora da Conceição Aparecida, sobre as terras que havia recebido da Intendência Militar de São Borja. Corria o ano de 1827.

Disarz (p. 17) conta que Passo Fundo possuía, em 1840, apenas 3 moradores. Foi com a chegada de João Neckel que se iniciou a segunda corrente emigratória e a antiga redução, dizimada pela Revolução Farroupilha (1835 – 1845), ganhou novo impulso.

Mas os seus novos moradores se defrontavam constantemente com os perigos que os assaltos dos índios coroados lhes infligiam. Neckel se viu obrigado a fazer as colheitas altas horas da noite, quando os selvagens já estavam recolhidos. Todos os moradores à noite, se reuniam em uma só casa para se proteger dos bugres e, enquanto os homens velavam, as famílias dormiam. (DISARZ, 1972, p. 17)

Sob a ótica do elemento branco, a povoação passou a se desenvolver e, em 1847, foi elevada à freguesia. Dez anos depois, instituiu-se o município de Passo Fundo. O vasto território passofundense passou a ser povoado por emigrantes que, visando o lado econômico, instalavam-se na sede do município. Isso se deve ao fato de grande parte do território ser ocupado por florestas e enormes fazendas de gado. Assim, desenvolveram-se lavouras, artes manuais e comércio. Sobre a segunda metade do século XIX, Eliane Aguirre, na obra *Sim ou Não – A Luta Pela Emancipação Política do Município de Marau e as Disputas Pelo Poder*, salienta:

A última década do Século XIX foi profundamente abalada por agitações revolucionárias, principalmente a Insurreição Armada de 1893-95 (Revolução Federalista), que ensanguentou o território Passo-fundense e paralisou seu desenvolvimento. De 1893 a 1895 o município de Passo Fundo foi vítima da calamidade fratricida que abalava o Rio Grande do Sul. (AGUIRRE, 2009, p. 64)

Com o fim do conflito e o retorno da tranquilidade, a relativa prosperidade passou a verdadeiro desenvolvimento com a construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. De 1898 a 1905, Passo Fundo experimentou grande movimentação, impulsionando as riquezas antes estagnadas devido à escassez de alternativas de transporte e comunicação.

A comunidade crescia não apenas na sede urbana, como também no meio rural. Em 1927, Passo Fundo chega a ter 13 distritos além do 1º, a sede: Campo do Meio, Coxilha, Carazinho, Marau, Segunda Sede (Sarandi), Não-Me-Toque, Coronel Gervásio (Tapera), Sete de Setembro, Selbach, Ernestina, Boa Esperança, Tamandaré e Sede Teixeira (Tapejara).

O incremento cultural também se fazia presente e, além de associações literárias, os jornais que já eram parte do cotidiano passofundense, se consolidam a partir da década de 30, quando a comunidade ainda se vê envolta em uma última revolução, que culminaria com a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Entremeando períodos de guerra e paz, Passo Fundo evoluía para se tornar a maior cidade em economia e população do Planalto Médio Gaúcho.

2.2. Breve Histórico de Marau

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Marau localiza-se na mesorregião noroeste do Rio Grande do Sul, fazendo divisa com os municípios de Passo Fundo, Ernestina, Nicola Vergueiro, Ibirapuitã, Soledade, Camargo, Santo Antonio do Palma, Vila Maria, Gentil e Mato Castelhano. Ainda segundo a mesma fonte, a estimativa da população do município para o ano de 2013 é de 39.182 pessoas. A altitude média do território é de 650 metros, entretanto, a sede urbana localiza-se a 534 metros acima do nível do mar.

Segundo Francisco Bernardi, na obra História de Marau, Uma Comunidade Laboriosa (1992), na época de sua emancipação, datada de 18 de dezembro de 1954, o município tinha 1055 km². Hoje, porém, conta com 641 km², devido à perda de territórios referentes à

emancipação de quatro ex-distritos: Camargo e Vila Maria, em 1988, Nicolau Vergueiro e Gentil, em 1992.

Embora seja impossível dissociar boa parte da história do município da epopéia da colonização italiana no sul do país, antes é preciso ressaltar a presença de dois elementos nas origens do município. O índio e o caboclo.

Por volta de 1840, habitavam a região os índios coroados. Na mesma época, estabeleceu-se na região um caboclo chamado Joaquim Domingues de Oliveira. O mesmo aprendeu a língua Guarani, casou-se com uma índia e travou relações amistosas com os coroados, que passaram a respeitá-lo, chamando-o mesmo de pai e acatando-o como chefe. (BERNARDI, 1992, p. 12)

Disarz (1972), também cita a presença indígena no território que posteriormente viria a ser o município:

Também por estas plagas, onde floresce hoje a pujante comuna de Marau, viviam, nos meados do século passado, os bugres da tribo dos coroados. Eram normalmente nômades e vagavam pelas terras de Passo Fundo, percorrendo não raro o território de Marau, onde tinham bons 'guardados' de pinhões" (DISARZ, 1972, p. 17)

A versão mais popular entre a comunidade – embora careça de fontes comprobatórias diferentes das orais que foram sendo transcritas com o tempo – de que o nome do rio, que depois viria a nomear o município, tenha sido herdado de um cacique desta tribo de coroados. O índio Marau teria chefiado um bando de coroados no ano de 1845, logo após a morte de Joaquim Domingues de Oliveira, quando os silvícolas passaram a agir de maneira violenta, saqueando, destruindo e atentando contra a vida dos brancos nas proximidades. “Os índios de sua malta não poupavam os moradores e atacavam principalmente à luz do dia e em pleno campo” (DISARZ, 1972, p. 17). O cacique e seus comandados teriam sido liquidados por uma milícia de moradores da povoação de Passo Fundo das Missões, aliada ao contingente da Guarda Nacional comandada pelo capitão José das Neves. O fato de o cacique ter sido morto nas margens do rio teria motivado os brancos a nomeá-lo de Marau. A povoação que cresceria em seu entorno herdaria o mesmo nome.

Mas a vila de Marau não é o primeiro núcleo habitado do território. O Tope, situado às margens da estrada-geral que ligava as povoações de Passo Fundo e Soledade em meados do

Século XIX, registra domicílios desde 1847, quando Jorge Sturn viera de São Leopoldo (BERNARDI, 1992, p. 13). Aquele território, situado 22 quilômetros a oeste de onde hoje está o núcleo urbano de Marau, foi, portanto, o primeiro povoado do território. Naquelas proximidades, inclusive, foi registrada, em 1894, uma batalha da Revolução Federalista, nomeada Batalha dos Três Passos.

Até o limiar do século XX, o território onde hoje se localiza a cidade de Marau era habitado por algumas famílias de caboclos. Porém, o ano de 1904 é marcado pelo início do assentamento de famílias de colonos italianos no local.

[...] esses imigrantes, na verdade, eram na quase totalidade filhos de emigrados do norte da Itália. Vindos para o Rio Grande do Sul a partir de 1876, estabeleceram-se na região da serra gaúcha, adquirindo uma colônia de terra – 242.000 m². Os filhos desses colonos, ao contraírem matrimônio, eram forçados a abandonar a casa paterna por falta de espaço para o trabalho. Desta forma, procuravam outras paragens onde ainda houvesse terras disponíveis. (BERNARDI, 1992, p 14).

Esta ocupação do território pelo elemento branco se efetiva em 1912, com a criação da “Colônia de Marau” e a abertura do mercado de terras para pequenos proprietários e novas famílias de italianos, oriundos da primeira fase de colonização (atuais Caxias do Sul e Bento Gonçalves) e também da segunda (atuais Guaporé e Serafina Corrêa). Eliane Aguirre (2008), salienta: “Os colonizadores transformaram as matas densas em lavouras férteis e o esparso povoamento de caboclos em comunidades italianas que se desenvolveram rapidamente” (AGUIRRE, 2008, p. 18). Este desenvolvimento acelerado resultou na criação do 5º Distrito de Passo Fundo, através do Ato Municipal 258, de 1º de janeiro de 1916.

Chegou a haver uma disputa pela sede do Distrito entre os povoados do Tope e de Marau. Os habitantes do Tope reivindicavam o direito à sede por ser o núcleo mais antigo. Entretanto, segundo depoimento do falecido Gabriel Reveilleau – que morava naquele lugar – o Tope só possuía seis casas e uma igreja. (BERNARDI, 1992, pp. 24 e 25)

A sede do município progrediu tanto que, em 1924, a região já apresentava a existência de 650 famílias, aproximadamente (AGUIRRE, 2008, p. 62). Um ano antes, o italiano Julio Borella, ao instalar um frigorífico de suínos, desencadearia o processo de desenvolvimento que levaria o distrito a pleitear sua emancipação, três décadas mais tarde.

Desde os primeiros anos de colonização, a religião católica esteve presente. A ação dos Freis Capuchinhos entre as famílias de Marau data de 1919, quando assumiu a Paróquia do Santíssimo Redentor – criada ainda em 1913 no distrito – o vigário italiano Calogero Tortoricci. Entretanto, desde 1909, portanto antes da elevação do povoado à Distrito, a comunidade reunia-se em oração.

[...] os descendentes de italianos era muito religiosos. Por esta razão, onde se situa a igreja Matriz de Cristo Redentor, em 1909 já existia um capitel, ou seja, uma igreja de quatro metros por quatro. Erigida com tábuas lascadas à mão e com enormes frestas entre uma tábua e outra. O santo entronizado foi Santo Antônio de Pádua. (BERNARDI, 1992 p. 28).

É possível citar ainda, como fatores para o desenvolvimento do distrito de Marau, segundo Aguirre (2008, p. 62), a instalação, em 1928, às margens do rio Marau, de uma usina hidrelétrica de 44hp. Com a energia elétrica chegando à vila, foi possível a instalação, entre os anos de 1930 e 1940 de “diversas casas comerciais de grande porte para a época”.

As décadas de 40 e 50 do século XX, já marcadas pelo processo de emancipação, viram Marau se consolidar como o distrito mais rico do município de Passo Fundo, como demonstra a tabela 1 abaixo, referente ao exercício financeiro de 1951. Os dados foram retirados da edição do dia 5 de julho de 1952 do jornal A Cidade de Marau (antigo O Salame), e transcritos por Aguirre (2008, p. 88):

Tabela 1: receita e despesa dos distritos de Passo Fundo – ano de 1951.

	Receita	Despesa	Déficit	Superávit
Cidade e 1º distrito	10.027.328,60	8.407.717,90		1.610.610,80
Ametista	51.779,50	109.778,70	57.999,20	
Coxilha	31.983,20	46.386,60	14.403,40	
Tapejara	148.023,80	213.805,79	65.781,90	
Marau	279.345,30	168.467,60		110.887,70
Ernestina	77.847,30	114.244,20	36.396,90	
Água Santa	69.095,60	120.448,49	50.452,80	
Sertão	163.675,20	211.665,50	48.989,30	
Ciríaco	30.883,40	58.782,70	17.849,30	
Sede 35	45.670,40	49.520,30	3.649,91	

Percebe-se, então, que o anseio por emancipação ocorreu em Marau de forma progressiva, quando as condições necessárias – economia, auto-suficiência na arrecadação de tributos, infra-estrutura e representação – como veremos adiante, se impuseram naturalmente.

3.3. O Pano de Fundo Político das Décadas de 40 e 50 do Século XX

Mesmo em 1945, com o colapso do Estado Novo e a possibilidade da criação de novas siglas partidárias, as duas grandes opções políticas continuaram posicionando Getúlio Vargas no centro da disputa. Aqueles que se alinhavam ao ex-ditador agruparam-se no Partido Social Democrático, o PSD. Quem fosse “antigetulista” aproximava-se da União Democrática Nacional, a UDN. Seriam os dois partidos mais fortes a concorrer à presidência da República em 1945, apresentando os nomes de Eurico Gaspar Dutra e Eduardo Gomes, respectivamente.

Porém, ainda em 1945, surge uma ala dissidente do PSD, que apoiava a candidatura de Getúlio Vargas à eleição democrática daquele ano, sob o lema “Queremos Getúlio” – motivo pelo qual o movimento ficou conhecido como Queremismo. Este grupo, sob os auspícios de Vargas, cria o Partido Trabalhista Brasileiro. O PTB nasce no bojo do operariado urbano e com forte ligação sindical. Dos partidos que dominaram o cenário político pós-Estado Novo, o PTB era o que se posicionava mais à esquerda. Embora alinhados nos grandes centros, as duas siglas getulistas, PSD e PTB, protagonizariam rivalidades em núcleos eleitorais menores.

As disputas pelo poder em Passo Fundo e Marau protagonizadas por estas duas agremiações, iniciando pelas eleições municipais de 1947 – ano em que também foi deflagrado o movimento de emancipação de Marau, como veremos adiante – constituem o pano de fundo político do fim da década de 40 e início da década de 50. Em Marau, esta polarização era ainda mais evidente: “[...] um dos aspectos mais visíveis (e interessantes) da polarização esquerda/direita [...] foi a dicotomia nas instituições sociais, jamais afirmadas oficialmente, mas ditas pelo povo”. (AGUIRRE, 2009, p. 12)

Assim, verificava-se no Distrito de Marau, àquela época, instituições duplicadas, a fim de atender os interesses das duas agremiações políticas. Aguirre cita como exemplo os times de futebol (Grêmio Esportivo Marau, do PSD, e Guarany Futebol Clube, do PTB), os Centros de Tradições Gaúchas (Sentinelas do Pago, do PTB e Felipe Portinho, do PSD) e os hospitais (o Cristo Redentor, à esquerda, e o Providência, à direita). Esta dicotomia ainda existe na sociedade marauense, embora não oficializada, mas presente na cultura popular.

Desde a criação dos partidos, em 1945, Marau tornou-se um forte reduto do PSD. Diferente de Passo Fundo, onde o PTB ganhava adeptos a ponto de se tornar uma potência eleitoral e vencer as eleições executivas de 1947, no então 5º distrito a sigla nunca vingou, ainda que fosse suportada por industriais como Alberto Borella, proprietário do Frigorífico Borella e possivelmente o homem mais rico da vila de Marau. Isto se reflete pelo apoio dos freis capuchinhos – orientadores espirituais daquela comunidade – ao PSD.

[...] a participação da Igreja Católica era muito marcante nas regiões colonizadas por imigrantes, para quem os partidos trabalhistas e socialistas representavam o perigo do comunismo que devia ser combatido a qualquer custo [...]. Em Marau não era diferente, sendo que havia no município uma forte presença dos Capuchinhos, inclusive com um convento, que formou diversos freis que atuaram na própria paróquia. (AGUIRRE, 2009, p. 37)

As eleições de 1947 elegeram Armando Araujo Annes (PTB, coligado à UDN) para a prefeitura de Passo Fundo. O que provocou agitação no cenário político marauense e acirrou a rivalidade entre o distrito e a sede do município. Alia-se a isso o fato de Elpídio Fialho, líder do PSD marauense, ter sido eleito o vereador mais votado e, conseqüentemente, presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo. Fialho ainda concorreria à vice-prefeitura em 1951, na chapa derrotada de Dionísio Lângaro.

O descendente de italianos, então grossa camada da população marauense, sabidamente mais religioso e ligado ao meio rural do que os passofundenses, agarrou-se, em sua maioria, ao PSD. É possível perceber o predomínio deste partido na política local no final da década de 40, analisando os números obtidos pelos candidatos do distrito ao legislativo passofundense nas eleições de 1947 e 1951. Os dados são do Projeto Passo Fundo, elencados pelo historiador Marco Antonio Damian (dados acessados em 14 de novembro de 2013). Em 1947, enquanto Elpídio Fialho, representando o PSD, fez 1294 votos, Alberto Borella, do PTB, somou 261. Em 1951, com Fialho concorrendo à vice-prefeitura, Lauro Ricieri Bortolon, do PSD, obteve 571 votos. Pedro Piran, do PTB, somou 417. Em ambas as ocasiões, os representantes do PSD se elegeram. Os do PTB, não.

O cenário político em Passo Fundo, entretanto, tomava outro rumo, com o crescimento do PTB nos últimos anos da década de 40, elegendo representantes locais na Câmara Federal, na Assembléia Legislativa estadual e na prefeitura do município. São eles, respectivamente: César Santos, Daniel Dipp e Mario Menegaz.

Esta rivalidade latente entre as duas agremiações no Distrito de Marau, ao que tudo indica, faria os partidos e seus líderes tomarem rumos distintos também no que diz respeito à emancipação. Contudo, não foi o que aconteceu. “A união dos dois partidos em torno da causa emancipacionista causou espanto de muitos, o que se repete quando Alberto Borella, fundador do PTB de Marau, doou os relógios para a torre da igreja, estabelecendo com os padres uma parceria inusitada e obrigando o vigário a tecer elogios aos antes desafetos”. (AGUIRRE, 2009, p. 13).

3.3. O Processo de Emancipação de Marau

As emancipações municipais no Brasil, historicamente, ocorrem em ondas. Iniciando pelos anos 40 e se intensificando nos anos 50. Durante a Ditadura Militar, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, apresentou-se um período de estabilidade nas fronteiras municipais, muito pelas regras impostas pelo regime de exceção. Os processos emancipatórios voltaram a ocorrer, com maior frequência, depois da redemocratização, nos anos 80 e 90. Marau pode ser citado nestas duas ondas. Na primeira, quando obteve sua própria emancipação; e na segunda, já na década de 90, quando quatro distritos – Vila Maria, Camargo, Gentil e Nicolau Vergueiro – emanciparam-se.

Sobre a ideia de emancipação, Disarz (1972, p. 26) registra que ela foi cogitada, primeiramente, numa reunião do PSD, realizada em junho de 1948 e convocada por Elpídio Fialho. “Na referida reunião, foi decidido que dois cidadãos iriam a Porto Alegre afim de tratarem, junto às autoridades estaduais, do caso da emancipação”. O próprio Fialho, então presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, e Lydio Tomás Antonio Bergonsi, foram os designados para tal função. “Todos aplaudiram a ideia de convocar imediatamente o povo, em todas as localidades, para discutir com ele sobre a criação do novo município. A população empolgou-se com o plano e em seguida, foi criada a primeira diretoria para tratar do assunto[...]”. (DISARZ, 1972, p. 26).

A Comissão pró-emancipação, como ficou conhecida, mesclava lideranças de todas as siglas. Para Aguirre (2009, p. 79), esta era uma “demonstração clara de que momentaneamente, as paixões políticas cediam espaço à paixão pela emancipação político-administrativa do distrito”.

A isso seguiu-se uma fervorosa campanha de propaganda, além da realização dos estudos de delimitação do possível futuro município. Estas fronteiras abrangiam ainda as

povoações de Maria e Camargo, respectivamente, distritos de Guaporé e Soledade. Em Marau e Maria, a ideia de emancipação era amplamente aprovada. Já em Camargo, o pensamento dividia a população, como pode-se perceber na realização, em setembro de 1949, do primeiro plebiscito.

Embora a votação tenha sido de 2243 votos a favor e 666 votos contrários à emancipação, no distrito de Camargo, venceu o Não. Segundo a legislação vigente na época, em todas as localidades consultadas deveria prevalecer o Sim. Logo, o processo viu-se fracassado. Ainda assim, o ideal de emancipação não seria deixado de lado.

Durante os sete anos da luta emancipacionista todas as atenções se voltaram para este acontecimento. Outros fatores houve, certamente, mas nenhum deles mereceu o destaque que possuía a então batalha pela emancipação. Inclusive as diferenças partidárias, por este período, cederam lugar à vontade de ver o distrito transformado em município, para após a emancipação, poderem lutar pelo poder na nova comuna, como se verificou posteriormente.” (AGUIRRE, 2009, p. 84).

Duas novas leis, no ano de 1953, fixaram novos limites para o futuro município, que seria formado por nacos do território de Guaporé e Passo Fundo, num total de 1055 quilômetros, desta vez excluindo o distrito de Camargo e territórios de Soledade, e assim diminuindo a possibilidade de um novo plebiscito fracassado. Para evitar contratemplos, a comissão pró-emancipação marauense consultou inclusive a Câmara de Vereadores de Passo Fundo, como divulgou o jornal O Nacional, que abordaremos em seguida.

O plebiscito realizado em 20 de dezembro de 1953, obteve 1763 votos favoráveis e 461 votos contrários, obedecendo a todos os pré-requisitos legais. Assim, em 18 de dezembro de 1954, o governador Ernesto Dornelles decretou Marau como município. A instalação ocorreu em 28 de fevereiro de 1955.

3. OS PERSONAGENS

Nesta parte do estudo, trataremos dos substantivos próprios ligados à emancipação de Marau e sua conseqüente cobertura jornalística. Os personagens que serão brevemente descritos neste capítulo são, respectivamente, o político que coordenou a luta pela emancipação do município de Marau e, com a representatividade obtida no Distrito, galgou elevados degraus na política passofundense: Elpídio Fialho. Os dois jornais que terão suas matérias analisadas neste estudo, o marauense “O Salame” e o passofundense “O Nacional”, também serão abordados com mais ênfase neste capítulo, guardando espaço também para um breve histórico dos homens por trás das letras destes dois veículos de imprensa. Respectivamente, Gustavo Silveira Ferret e Mucio de Castro.

É importante que se saliente, entretanto, que tanto Elpídio Fialho – na figura do emancipador – como os jornais citados não estavam sozinhos na época. Houve outros líderes emancipacionistas, como Alberto Borella, presidente da primeira comissão pró-emancipação do município de Marau, responsável pela primeira tentativa de plebiscito, que resultou em fracasso. Além dele, uma imensa lista de cidadãos marauenses podem ser citados como fundamentais no processo de emancipação. Fialho recebe destaque, nesta parte do estudo, pelo fato de ser citado por diversas fontes como o homem público que primeiro vislumbrou a possibilidade da emancipação, e também por sua biografia política – extensa, como se verá adiante – ser relevante para os dois municípios em questão.

Da mesma maneira, os jornais escolhidos para esta pesquisa também não eram os únicos a circular em seus municípios à época. “O Salame” e “O Nacional” tinham seus concorrentes e foram escolhidos por razões que serão explicitadas no decorrer deste capítulo.

3.1. O Aglutinador da Emancipação

São escassas as fontes que dissertam sobre Elpídio Fialho, embora tenha em seu currículo ações relevantes como presidir a Câmara Municipal de Passo Fundo em sua 1ª

legislatura após a reabertura política que sucedeu o Estado Novo, além de ser o presidente da comissão que obteve sucesso na luta pela emancipação do então 5º Distrito de Passo Fundo. Por ser nome do logradouro central de Marau, o livro “As Ruas e Praças de Marau”, de Francisco Bernardi (2007), traz um breve histórico do homem que liderou a comunidade marauense rumo a sua emancipação.

Elpídio Fialho, filho de Joaquin Vargas Fialho e Isaura Pereira Fialho, nasceu no município de Guaporé, em 24 de julho de 1909. Naquela cidade permaneceu até os nove anos, quando transferiu-se para São Leopoldo. Naquela cidade fez seus estudos primários. O ginásio foi cursado em Porto Alegre, onde também formou-se em medicina, no ano de 1934. O tema de sua dissertação de doutorado foi “Anestesia Endovenosa em Pequenas e Grandes Cirurgias”. “Foi o primeiro médico a fixar residência no então 5º Distrito de Passo Fundo. De passagem, em busca de um local para clinicar, foi convencido pelo vigário, Frei Gentil, a ficar por aqui. Marau foi, assim, a primeira e única comunidade que ele atendeu como médico”. (BERNARDI, 2007, p. 159)

Antes de se estabelecer no município, Elpídio Fialho havia trabalhado na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre, onde dedicou-se à clínica e a cirurgia-geral. Realizou cursos de aperfeiçoamento em cirurgia e em Obstetrícia. Depois da realização de sua residência na capital do estado, Elpídio Fialho rumava para Santa Catarina, onde pretendia fixar domicílio e exercer sua profissão. De passagem por Marau, enquanto pernoitava no hotel do distrito, foi chamado para socorrer uma criança enferma. Esta criança era a filha do também médico e político passofundense Nicolau de Araújo Vergueiro, que havia sido intendente municipal e seria, posteriormente, deputado federal. Este primeiro contato foi fundamental para as escolhas políticas de Elpídio Fialho no futuro. Eliane Aguirre aponta uma data para estes acontecimentos. “[...] Marau já tinha um médico, desde 9 de janeiro de 1935. Era o jovem Elpídio Fialho [...]”. (AGUIRRE, 2009, p. 45).

O médico, também por ser o único da vila, foi alvo de afeição imediata. Foi registrado por Francisco Bernardi: “Fez da medicina não apenas uma profissão, mas também um sacerdócio, atendendo indistintamente a quem pudesse remunerá-lo e aos que não podiam. Como consequência, faleceu tendo como bem material apenas sua residência”. (BERNARDI, 2007, p. 159).

Embora tenha sido sócio-fundador do Hospital Providência, onde exerceu também o cargo de diretor-geral por mais de vinte anos, foi através da atuação política que Elpídio Fialho escreveu seu nome na história de Marau. Em 1945, quando da reabertura política, filiou-se à legenda do Partido Social Democrático, vindo a concorrer em 1947 ao cargo de

vereador de Passo Fundo. Em sua primeira eleição, obteve 1294 votos, sendo não somente o candidato mais votado no 5º Distrito, mas em todo o município de Passo Fundo. A expressiva votação deu ao médico marauense o cargo de presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo. O historiador Marco Antonio Damian, no endereço virtual Projeto Passo Fundo (acessado em 17 de novembro de 2013), destaca: “Nessa qualidade, participou da criação, como um dos fundadores, da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, em 1950”. (DAMIAN, 2009).

Na eleições municipais de 1951, concorreu à vice-prefeitura de Passo Fundo, na chapa de Dionísio Lângaro. Ambos foram derrotados pelo PTB de Daniel Dipp e Mário Menegaz. “Elpidio Fialho, vereador mais votado na campanha de 1947, perdeu sua vaga no legislativo municipal ao concorrer à vice-prefeitura na chapa derrotada de Dionísio Lângaro. Ficou assim, o partido, sem sua liderança maior [...]”. (BENVEGNU, 2006, p. 64).

Dois anos antes, entretanto, Elpídio Fialho deu início à campanha de emancipação de Marau, levantando a questão em uma reunião do PSD local. Ele próprio, já na condição de presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, foi o escolhido pela população marauense para viajar à capital do estado, Porto Alegre, para tratar dos primeiros trâmites.

Mesmo derrotado na eleição de 1951, Fialho não se afastou da política. Foi presidente da segunda comissão pró-emancipação de Marau que, como visto anteriormente, obteve sucesso em seus objetivos, organizando o plebiscito vitorioso de 1953. No ano seguinte, concorreu a deputado estadual, obtendo 4.163 votos e garantindo a vaga de suplente. Entre os anos de 1955 e 1958, assumiu o cargo na vaga de Liberato Salzano, que exerceu a função de Secretário Estadual de Educação até 1957, ano de sua morte em um acidente aéreo.

Elpídio Fialho foi o segundo prefeito de Marau, município instalado em 1955. Eleito chefe do Executivo em 1959, exerceu a função até 1963. Depois disso, afastou-se dos cargos públicos, sem deixar de cumprir funções sociais, como a de diretor do Hospital Providência até 1977 e presidente do Clube Liberdade. Atuou, até o fim da vida, como conselheiro político das siglas que sucederam o PSD: ARENA e PDS. Faleceu na cidade de Marau, em 11 de junho de 1992. Depois de sua passagem, a praça central da cidade foi rebatizada em seu nome. Uma escola do município também foi nomeada em sua homenagem. Uma rua na área central leva o nome de Gilda Fialho, sua primeira esposa. Em 2006, como forma de homenagear o emancipacionista, um busto de Elpídio Fialho foi instalado em frente ao Paço Municipal, onde permanece em pose vigilante, com os olhos voltados às portas da sede do Poder Executivo.

3.2. O Salame

O primeiro órgão de imprensa escrita do município de Marau nasceu, curiosamente, antes do próprio município. Quando a vila ainda era distrito de Passo Fundo, em 31 de maio de 1947, circulava na comunidade a primeira edição de “O Salame”, periódico artesanal, produzido sob a chancela de Alberto Borella, dentro do frigorífico de sua família. Daí o nome do jornal. Por ter sido criado por funcionários da empresa, que atuavam próximos a seu diretor, “O Salame” nasceu com profunda identificação com o PTB e óbvia oposição a Elpídio Fialho. Tanto é que o jornal cita, pela primeira vez, o nome do principal líder emancipacionista somente em 1953, mais de cinco anos após sua fundação.

Na capa de sua primeira edição, o jornal evidencia o tom jocoso e satírico que adotaria nos primeiros anos:

Esta nova publicação, destinada a proporcionar aos leitores de um bom jornal horas de prazer, não é autoritária e nem política. Mas é discricionária e politiqueira. Jornal...eco de feição moderníssima, espera ser recebido com a maior satisfação por parte do povo desta culta e laboriosa população, sempre disposta a acolher aqueles que lhes são pródigos e que trabalham. ‘O Salame’ é um produto genuinamente marauense e como tal, conta com o apoio dos marauenses. Este jornal espera que sua falência não possa um dia ser requerida, prometendo cooperar com todos para o engrandecimento de Marau. Devido a situação econômico-financeira do Brasil, este jornal em seu primeiro número sai o mais economicamente possível. (O SALAME, 1947, Ed. 1).

Apesar de anunciar em sua capa uma tiragem de 100 mil cópias e agências em “São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife – além de um correspondente na Rússia”, a tiragem original das primeiras impressões de “O Salame” era de apenas cem cópias. O correspondente russo, aliás, foi friamente adicionado, como forma de ironizar os freis capuchinhos, na época impelidos no combate à ameaça comunista. O Salame foi produzido de maneira artesanal e sem periodicidade garantida em seu primeiro ano, muitas vezes mimeografado dentro das dependências do frigorífico.

Seu diretor era Gustavo Silveira Ferret, sobre quem existe pouca bibliografia. Mais uma vez, por Ferret ser nome de rua em Marau, quem fornece alguns dados é Francisco Bernardi, em “As Ruas e Praças de Marau”:

Nasceu em Pinheiro Machado, em 1908 e faleceu em São Leopoldo, 1991. Estudou em Canoas. Após formar-se em Contabilidade, trabalhou no banco da Província em Cruz Alta e Erechim entre 1929 e 1936. de 1936 a 1939 residiu em Getúlio Vargas, como lojista e caixeiro viajante. [...] Em 1941 transferiu-se para Marau, onde passou a exercer a função de guarda-livros até 1951, no Frigorífico Borella S/A (BERNARDI, 2007, p. 99)

A fase artesanal de “O Salame” dura até 1949. Já envolto na campanha pela desvinculação do 5º Distrito de Passo Fundo, o jornal adquire um tom mais sério e uma diagramação profissional. A partir da edição 104, de 2 de julho de 1949, o jornal passa a se chamar “A Cidade de Marau”. Ainda assim, as ligações com o PTB seguem fortes. O veículo era, inclusive, financeiramente apoiado pelo jornal passofundense O Nacional, como comprovam os diversos anúncios publicitários veiculados no jornal marauense naquele período. “[...] O jornal marauense O Salame demonstra certa neutralidade, porém com tendência a defender o PTB, já que a princípio era editado no Frigorífico Borella, cujos donos e gerentes eram defensores e foram fundadores do partido no distrito.” (AGUIRRE, 2009, p. 49).

É a partir deste ano, também, que “A Cidade de Marau” pode ser chamado de periódico, já que adota a publicação semanal como rotina permanente. Desde o ano anterior, no entanto, “O Salame” já não era mais o único jornal a circular no futuro município de Marau. “A Voz de Marau” passara a ser publicado pela paróquia, com o objetivo, segundo Aguirre (2009, p. 40) de “combater as idéias comunistas, e quem delas se aproximava”.

Cabe aqui, portanto, explicar porque este estudo se debruça nas publicações de “O Salame”, e não em “A Voz de Marau” ou de ambos. Ao contrário do segundo, o primeiro jornal, desde seu início, procurou transparecer uma imagem independente à população. Mesmo que muitos de seus textos fossem, como veremos adiante, doutrinários e parciais, o órgão trazia em sua capa, logo abaixo do título, o carimbo de “publicação independente”. “A Voz de Marau”, por ser um informativo paroquial, nunca teve o objetivo de ser caracterizado como imprensa.

Ainda, é um dos objetivos deste estudo analisar uma possível influência da imprensa no processo de emancipação de Marau. Assim, levando em consideração que o órgão em estudo era contrário ao principal líder emancipacionista, cria-se um panorama diferente do que aconteceria, por exemplo, com “A Voz de Marau”, que naturalmente era vinculado ao partido de Fialho, o PSD.

Com o nome de “A Cidade de Marau”, o jornal circulou até 1962, sendo impresso na tipografia de propriedade de Gustavo Silveira Ferret. Em seu período final, voltou a oscilar em sua periodicidade.

3.3. O Nacional

O endereço virtual www.projetopassofundo.com.br, acessado em 17 de novembro de 2013, lista 14 jornais que nasceram em Passo Fundo antes de O Nacional. O primeiro, Echo da Verdade, é datado de 1891. Da fundação do primeiro à circulação do 15º jornal no município de Passo Fundo, transcorreram cerca de 35 anos.

O Nacional circulou pela primeira vez em 19 de junho de 1925. Era de propriedade do advogado e jornalista Herculano Araújo Annes, filho do político passofundense Gervásio Lucas Annes, que já havia sido deputado estadual, vereador e intendente de Passo Fundo. Apesar disso, O Nacional não possuía vinculação oficial com nenhuma sigla política. Iniciou com publicações semanais, mas no mesmo ano de sua fundação já circulava duas vezes por semana. Em seguida, passou a ser trissemanal e, a partir de 1933, tornou-se o primeiro jornal diário do município. Em maio de 1940, O Nacional foi adquirido pelo jornalista e agente político Múcio de Castro, que já atuava como funcionário do periódico.

Múcio Martins de Castro nasceu em Passo Fundo, em 8 de maio de 1915. Ainda jovem, em 1931, iniciou a carreira em O Nacional, trabalhando no setor de expedição, como entregador, e depois como redator, editor e gerente, até a ocasião em que adquiriu a posse do jornal. Castro abraçou o “Queremismo” em Passo Fundo e alinhou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro logo que foi criado, em 1945. A partir de então, O Nacional adota uma postura intimamente ligada à ideologia desta sigla e em apoio às autoridades que dela fazem parte. Em 1954, elegeu-se deputado estadual pelo PTB, sendo o mais votado do município de Passo Fundo.

A partir de 1935, O Nacional ganharia um concorrente, o Diário da Manhã. Túlio Fontoura rivalizaria com Múcio de Castro nas décadas seguintes, geralmente apresentando contraposições aos argumentos de Castro, em seu jornal. Eliane Aguirre verifica este antagonismo: “O Nacional tinha uma visão política mais ligada ao PTB, enquanto o Diário da Manhã tinha uma visão mais conservadora, explicitamente ligado ao PSD, sendo que no primeiro percebem-se acusações e no segundo defesa”. (AGUIRRE, 2009, pag. 49)

O Nacional, no período preestabelecido para este estudo, alinhava-se ideologicamente a O Salame, de Marau. Prova disso é a publicidade que o primeiro inseria nas páginas do segundo, além do fato de que o distribuidor de O Nacional, que circulava também no 5º Distrito, era Gustavo Silveira Ferret, diretor de O Salame. (O NACIONAL, edição de 1º de maio de 1950).

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS REPORTAGENS SELECIONADAS NOS DOIS JORNAIS ESTUDADOS

No capítulo derradeiro deste trabalho, será realizada a análise de conteúdo da amostragem pré-definida anteriormente. Seis matérias – três de cada – publicadas nos jornais “O Salame” e “O Nacional”. Porém, antes de iniciar a análise, especificamente, é necessário destacar alguns pontos. O primeiro é a quantidade diferenciada de material à disposição sobre a emancipação de Marau em ambos os jornais. Embora seja natural que um jornal do distrito divulgue com mais ênfase sua emancipação, é preciso analisar o fato de o processo de desvinculação de Marau e Passo Fundo praticamente não ter ganhado espaço em O Nacional.

Ainda, salienta-se a metodologia utilizada para a análise de conteúdo, baseada na autora Laurence Bardin (2010). Para ela, a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 33). Para a autora, a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A Análise de Conteúdo “[...] é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe ponto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras base, por vezes dificilmente transponíveis.” (p. 32).

Cabe trazer à tona também a diferenciação entre análise de conteúdo – o que será praticado neste trabalho – e análise de discurso.

A maior diferença entre as duas é a que a Análise de Discurso trabalha com o sentido e não com o conteúdo. Já a análise de conteúdo trabalha com a materialidade lingüística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para a sua interpretação. A AD preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta através de seu discurso; Já a AC espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem. (CAREGNATO E MUTTI, 2006, P. 683)

Na análise de conteúdo, então, o que é visado no texto é uma série de significações que se caracterizam como indicadores, que indicam determinados pensamentos presentes no

texto analisado. Bardin ainda salienta que o gênero de resultados obtidos através deste tipo de análise não pode ser considerado prova indiscutível de qualquer argumento. Mesmo assim, é possível ilustrar e corroborar, ainda que parcialmente, os pressupostos em causa.

Neste trabalho, a análise de conteúdo foi preferida por, antes de tudo, ser suficiente para que se atinja o objetivo. As deduções freqüenciais, categorizações e conotações apresentadas por Bardin encaixam-se com os questionamentos propostos, não sendo necessário ir além do texto, numa análise de discurso, com as informações que se dispõe, para responder as perguntas fundamentais do estudo proposto.

4.1. Matérias de O Nacional.

Antes de iniciar a análise das matérias de O Nacional, é positivo lembrar o alinhamento político dos dois órgãos de imprensa sugeridos no estudo, ambos sob a bandeira do partido político PTB. O Nacional não pretendia ser, assim como não o foi, órgão de oposição a O Salame. O oposto também é verdadeiro.

4.1.1. Matéria 01. (13 de agosto de 1948).

O primeiro material analisado não é uma notícia, e sim, uma ilustração com legendas. Ela está na capa, na parte superior esquerda, próxima ao nome do jornal. Localiza-se em uma seção diária do jornal.

Não foi encontrada nenhuma referência ao processo de emancipação de Marau no Jornal O Nacional anterior a esta data. Logo, a matéria citada, uma ilustração com diálogo, é a primeira referência direta ao processo de emancipação marauense publicada em O Nacional:

- Quando conquistarmos a emancipação de nossa terra mandaremos construir o Arco do Triunfo.
- E levantaremos um monumento à nossa Joana D'Arc, representada pela figura do mais votado em Fialhópolis.

É possível perceber a repetição, em poucas linhas, da palavra “nossa”, que se refere ao que é próprio do distrito. Fica visível a idéia de que os assuntos relativos ao distrito de Marau e ao município de Passo Fundo estão bem delineados, naquilo que é “nosso” e “deles”. Este

distanciamento, já presente desde as primeiras conversações sobre a emancipação, já estava presente nas páginas da imprensa, pelo que se denota. Principalmente ao utilizar a expressão “nossa terra”, ou seja, algo que não pertence a Passo Fundo e, mesmo estando administrativamente ligados, já estão independentes, segundo o pensamento do sujeito em questão.

Pela utilização de estereótipos de grandeza, como o Arco do Triunfo ou um monumento, o sujeito – em particular, a redação do jornal O Nacional – transparece incutir, nos marauenses representados no diálogo, uma supervalorização do evento emancipacionista por parte dos habitantes do distrito. Segundo o pensamento, a imagem criada é de um marauense que se imagine superior ao passofundense, ao ponto de sua emancipação ser festejada como uma grande cruzada de liberdade, digna de conceber monumentos aos seus “líderes” – citando Joana D’arc no lugar de Elpídio Fialho. A palavra “conquistarmos” utilizada no texto também traz a conotação de que se está tratando de lados opostos, que disputam um objetivo que precisa ser “conquistado”, e não negociado, administrado ou tornado realidade. Transparece, portanto, um clima tenso.

Por fim, o uso do termo jocoso “Fialhópolis” no lugar do nome do distrito, Marau. Além de explicitar quem é o alvo da piada, o ato de substituir o nome do futuro município pelo nome de apenas uma liderança torna claro o pensamento do sujeito, de que a ideia de emancipação de Marau partiu exclusivamente de Elpídio Fialho, que se postou, como Joana D’arc, em frente ao seu “exército” e o convenceu da necessidade de ir à batalha. A lembrança do fato de Elpídio Fialho ter sido o mais votado nas eleições de 1947 também pode conotar mágoa pela derrota do PTB no então 5º Distrito.

4.1.2. Matéria 02. (1º de abril de 1950)

Esta matéria também está na capa do jornal, no espaço inferior direito, diagramada em duas colunas assimétricas. Faz parte, também, de uma seção permanente do jornal, chamada “Última Hora...”.

Antes de prosseguir para a análise deste texto, é imprescindível atentar para a data de publicação da matéria.

O senhor Alberto Borella, adiantado industrial marauense, acaba de receber o seguinte fonograma: Alberto Borella – Marau – Lei criação município foi promulgada hoje diário oficial 142. Tribunal Eleitoral nos próximos dias marcará as eleições. Confiamos no futuro, como até aqui. Haveremos de derrubar uma por uma as barreiras colocadas à nossa frente até a instalação final da nova comuna, porque a

nossa causa é a do Rio Grande. Minha Alegria não é maior do que a do povo de Marau. – Abraços, LEONEL BRIZOLA.

O dia 1º de abril, como se sabe, é tido pela cultura popular como O Dia da Mentira, onde são realizadas gozações, brincadeiras e pegadinhas. Basta uma breve análise aos arquivos do Diário Oficial para constatar que tal publicação nunca existiu e que o texto, escrito com rigor jornalístico, não passa de um chiste. Este fato, portanto, inverte a análise do conteúdo desta matéria. De fato, fugindo da análise de conteúdo e levando em consideração a informação prévia de que Alberto Borella era filiado ao PTB, mesmo partido de Mucio de Castro, as únicas expressões que podem ser consideradas sinceras neste texto são os termos elogiosos utilizados para designar o então presidente da comissão de emancipação de Marau. O termo “adiantado”, também, deve se referir ao fato de que o sujeito estaria antevendo uma correspondência futura, mas que naquela ocasião era inverídica.

Afirmações jocosamente atribuídas a Leonel Brizola, na época líder estadual do PTB, precisam ser analisadas ao contrário, portanto. “Acreditamos no futuro” significaria, para o sujeito, exatamente o oposto, de que há uma desesperança em relação aos fatos que estariam por vir. “Haveremos de derrubar uma por uma as barreiras colocadas à nossa frente até a instalação final da nova comuna” na verdade, estaria significando que o sujeito acreditava que o PTB, ciente de que Marau era um reduto do PSD, criaria toda dificuldade necessária antes de entregar um novo município nas mãos de uma sigla adversária. E que Brizola, ainda segundo o pensamento que transparece a publicação, estaria satisfeito enquanto Marau ainda estivesse atrelado a Passo Fundo e sob o comando do PTB.

Mais uma vez, a luta pela emancipação de Marau foi tratada de maneira pejorativa e cômica por O Nacional. Isso conota a ideia de que até aquele momento, passado – como visto anteriormente – cerca de um ano do plebiscito infrutífero, a emancipação marauense, na opinião dos passofundenses representados por O Nacional, não era fator a ser seriamente considerado.

4.1.3. Matéria 03. (12 de setembro de 1953)

Esta matéria está localizada em uma coluna, à esquerda da contra-capá do jornal. Ao contrário das duas primeiras matérias apresentadas, este texto foi publicado quando a emancipação de Marau já era praticamente dada como certa. Avizinhava-se o segundo plebiscito, que desta vez não conteria os votos de distrito de Camargo, motivo para o fracasso

do primeiro. Assim, a comunidade passofunsense já se adaptava ao fato de que faria, em breve, fronteira com um novo município.

Marau pode seguir seu destino, com altivez e pujança, com o assentimento do povo passofundense, que se pronunciou através de seus representantes legalmente instituídos na Câmara de Vereadores.

Os srs. Ernesto Morsch, Dr. Pedro Pacheco, Wolmar Salton e Lamaison Porto, respectivamente do Partido Libertador, do Partido Social Democrático, do Partido Trabalhista Brasileiro e do Partido Social Progressista, que fazem a totalidade da representação legislativa, tiveram a oportunidade de pronunciar-se favoravelmente à emancipação de Marau, tecendo judiciosos comentários a respeito das possibilidades econômicas do campeão dos distritos passofundenses, e fazendo votos de progresso e felicidade ao povo marauense, em sua nova vida independente

O gesto dos vereadores de Passo Fundo foi muito elevado, merecendo destaque especial, de vez que constitui um caso inédito nos processos emancipacionistas que se registram em nosso estado.

Destas colunas, transmitimos ao povo marauense, que sempre foi brioso e altaneiro, nossos melhores votos de grandeza e prosperidade. Trata-se de um grande povo, trabalhador e imbuído de nobres ideais. Marau, filho de Passo Fundo, será sem dúvida alguma um dos grandes municípios rio-grandenses que Passo Fundo sempre se orgulhará, como tem se orgulhado de seus outros filhos: Erechim, Carazinho, Getúlio Vargas, Marcelino Ramos, Sarandi e Soledade.

Não se nota, no conteúdo desta matéria, nenhum sinal de jocosidade. Pelo contrário, assume-se um tom sóbrio e solene, citando inclusive, nominalmente, as autoridades que votaram a favor da “liberação” de Marau, fazendo-se questão de salientar também que não foi iniciativa de uma sigla ou outra, mas um consenso entre a “totalidade da representação legislativa”.

Mas o principal ponto a se avaliar é a utilização de dois verbos de ação: “poder” e “assentir”. O sujeito tenta, com isso, inculcar um papel soberano à comunidade passofundense, alegando através do uso destes verbos de comando, que a emancipação marauense não foi uma “conquista”, como dizia-se no início, mas um presente recebido da comunidade de Passo Fundo. “Marau pode seguir seu destino, com altivez e pujança”, conota a intenção de explicitar a “autorização” dada por Passo Fundo, sem a qual o então Distrito não se faria independente, e nem poderia ser “altivo”, ou seja, digno de pôr-se ao nível de Passo Fundo.

O papel de Passo Fundo no processo de emancipação marauense segue sendo superestimado quando o sujeito escreve que “O gesto dos vereadores de Passo Fundo foi muito elevado”, num elogio aos representantes da comunidade passofundense, cuja autorização teria sido “fundamental” para o processo. Cita-se ainda que a “benevolência” passofundense não seria encontrada em outro lugar, visto que este tipo de autorização seria

caso inédito no estado. Ou seja, transparecendo a “magnanimidade” da comunidade do município em relação ao seu “filho”, o distrito.

Por fim, embora chame Marau de “campeão dos distritos de Passo Fundo”, e cite diversas qualidades encontradas no povo marauense, o sujeito ressalta, numa lista de antigos distritos, que Marau se juntará a outros e que estará no nível deles, nenhum passo acima, ainda sendo encarado como “filho”, logo menor e menos relevante, de Passo Fundo.

4.2. Matérias de O Salame

Ao realizarmos a análise do conteúdo das matérias de O Salame, convém lembrar da principal característica do jornalismo interiorano, já citada anteriormente. É no jornal do interior que o cidadão realmente se enxerga. É o órgão de imprensa interiorano a referência insubstituível de determinada comunidade. Tendo isso em mente, analisa-se as matérias escritas em O Salame como a própria comunidade marauense escrevendo, para si mesma.

4.2.1. Matéria 04: 20 de novembro de 1948.

Esta matéria está na contra-capta do jornal, na parte inferior esquerda, diagramada em das colunas assimétricas. A primeira reunião que tratou do tema “emancipação” em Marau, como visto anteriormente, data de junho de 1948 e foi organizada por membros do PSD. É preciso ter em mente, como também foi citado neste estudo, a inclinação de O Salame para o PTB.

Emancipação?

Em vista do seu desenvolvimento cada vez mais crescente, muitos marauenses pensam em se constituírem em município independente, constando que o governo do Estado esteja disposto a homologar o justo anseio dos marauenses. Marau é de fato um bom centro populoso com mais de 400 casas, sendo uma cidadezinha regular e continua desenvolvendo assombrosamente, contando com grandes indústrias.

É pensamento dos marauenses emanciparem-se, anexando ao novo municípios os distritos de Vila Maria e Camargo, aquele de Guaporé e este de Soledade.

Estamos informados que o povo de Vila Maria, como o de Camargo estão dispostos a endossarem o anseio dos marauenses na formação de um novo município.

O Salame traz como idéia nova – caracterizada pelo questionamento no título – a emancipação. Esta não foi a primeira notícia sobre uma possível desvinculação do 5º distrito

do município de Passo Fundo, porém, o jornal ainda tratava como dúvida. É possível que o meio jornalístico esteja, aos poucos, abraçando a idéia e a pergunta lançada conote a dúvida do próprio sujeito, lançada para ser respondida pela comunidade. Mesmo em dúvida sobre a possibilidade de emancipação, o sujeito não nega a “justiça” do pleito. A contradição se revela ainda maior quando se admite que Marau era, naquele contexto, uma “cidadezinha”, mas que contava com “grandes indústrias”.

A matéria publicada em O Salame demonstra que o ideal emancipacionista não nasceu unânime na comunidade marauense, e careceu de propaganda e tempo para que todo o povo fosse convencido dos “benefícios” de se desvincular de Passo Fundo. O texto começa afirmando que “muitos marauenses” desejam a emancipação. Não fala em nome de toda uma comunidade, mas sim em indivíduos. Mesmo assim, no último parágrafo da matéria, já se fala em “Os marauenses”. Mas usa-se a expressão “pensamento”, no lugar de vontade ou ambição. No primeiro ano da causa emancipacionista, as palavras escritas em O Salame demonstram que a comunidade não estava totalmente unida em torno deste objetivo, e ainda não havia a certeza unânime de que a emancipação seria um bom negócio para Marau.

4.2.2. Matéria 05. 4 de dezembro de 1948

Esta matéria está na capa do jornal, na parte central, à direita, e tem um complemento na parte interna, página 3. Ao contrário do que se verificou na imprensa passofundense, a luta pela emancipação de Marau ganhou espaço instantâneo nas páginas da imprensa do distrito, mesmo não sendo O Salame alinhado ao grupo político de Elpídio Fialho, a liderança emancipacionista mais destacada. A notícia analisada neste ponto do estudo é de apenas duas semanas depois da notícia anterior, e foi escolhida por amostragem. Na realidade, nos meses de 1948, é raro encontrar uma edição de O Salame que não citasse a possibilidade de independência do distrito em relação a Passo Fundo

EMANCIPAÇÃO

Por forças de contingência ou por mero sinal do acaso, teremos Marau emancipado. É convicção fundada que mais dia menos dia isso será um fato consumado.

Nas vésperas da nossa independência, não nos iludamos, porém. Não é um peso que vamos alijar, e sim um encargo que vamos assumir, e de cujo desempenho dependerá a vantagem de nossa emancipação.

Está claro o seguinte; de que uma emancipação prematura nos trará o raquitismo econômico e o desfalque administrativo; e que uma administração tardia seria o erro de quem espera ser espoliado e explorado para se estabelecer por conta própria; e que uma emancipação inconsciente seria uma arriscada aventura.

Quanto à maturidade, não duvidamos que é chegado o momento para agradecermos ao município o muito ou pouco interesse que nos dispensou até o presente, pois alcançamos nossa maioridade legal e para o futuro viveremos de nossas próprias forças.

Ao contrário da matéria analisada anteriormente, o título desta não traz uma pergunta, mas sim uma certeza. Além da sentença afirmativa, o título foi grafado com letras maiúsculas. A primeira frase do texto, porém, é fatalista. Admite que é questão de tempo Marau ser distrito. A conotação que transparece é de diminuição da importância da luta que Elpídio Fialho – e conseqüentemente o PSD, adversário do PTB de Ferret e O Salame – encampavam, e a colocação do processo de emancipação como algo que aconteceria ao natural, sem que precisasse ser precipitado.

O uso da segunda pessoa do plural – nós”, aparece novamente. Claramente, o jornal junta-se à comunidade em seus anseios. Isso transparece a tomada de um posicionamento pelo órgão de imprensa – ao lado da comunidade onde circula.

Posteriormente, o sujeito relata diversas realidades possíveis depois da administração. O conteúdo apresentado sugere o pensamento de que a comunidade ainda precisava se convencer da importância da emancipação e da real necessidade da separação, não sendo a criação de um município algo “simples”. O sujeito atenta, com isso, para o fato de que o motivo para a emancipação não pode ser apenas a vontade de se separar de Passo Fundo. Porém, ao final, encerra a matéria com tom beligerante, deixando claro o “pouco interesse” do município em relação ao distrito. Este posicionamento ao final do texto deixa transparente o fato de que a argumentação anterior, demonstrando realidades alternativas para depois de uma possível emancipação, não tinha o objetivo de alertar a comunidade para os perigos de uma emancipação no tempo errado. Teria, sim, o objetivo de municiar a comunidade com ainda mais certeza de que havia “chegado a hora”.

4.2.3. Matéria 06. 22 de dezembro de 1953.

Material publicado na página 2, parte superior direita, ao lado da publicação da ata oficial com os dados do plebiscito realizado dois dias antes. Das seis matérias analisadas neste estudo, esta é a única que foi publicada depois que a emancipação estava, senão oficializada, ao menos consumada via plebiscito. Ou seja: O Salame já não tinha mais motivos para imprimir caráter doutrinário ao texto. Embora seja um texto que noticie o sucesso do

plebiscito de 1953, seu tamanho, quando comparado a textos de caráter argumentativo que haviam sido publicados no período de propaganda emancipacionista, é consideravelmente reduzido. Porém, isso se explica pelo fato de o texto ser apenas um complemento da ata do plebiscito, onde constavam os números da vitória do “sim” pela emancipação de Marau, e todos os dados relevantes sobre a votação. Com a publicação da ata, restou a O Salame – neste ponto já chamado de “A Cidade de Marau”, noticiar a comemoração dos marauenses.

Grande Júbilo pelo resultado das urnas

As 2.30 horas (da madrugada) do dia 21 do corrente, assim que fora conhecidos os resultados das urnas o povo que enchia totalmente as dependências do Clube Liberdade, onde foi feita a apuração, confraternizou entregando-se as demonstrações de imensa alegria.

Os foguetes e rojões subiram aos ares em grande quantidade anunciando a vitória alcançada.

Mesmo que a notícia relate a comemoração a respeito de um fato, e não o fato em si, ainda assim há relevância no conteúdo exposto. Antes de tudo, é possível perceber a utilização de superlativos como “grande júbilo” e “imensa alegria”. Superestimar a comemoração, neste caso, é super-avaliar a própria conquista. O sujeito ainda faz questão de explicitar o fato de que comemoração aconteceu “de madrugada”, ou seja, um horário pouco usual para que as dependências do clube estivessem “totalmente cheias”. Mais uma vez, nota-se pela escolha das palavras – “enchia totalmente”, no lugar de apenas “ocupava”, ou “entregando-se” substituindo um termo menos efusivo, como “praticando”, por exemplo – revela a participação do próprio sujeito na emoção da comemoração. Mais uma vez, o posicionamento assumido é evidente, e o jornal torna-se, com a notícia, parte da própria comunidade em festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de conteúdo é, essencialmente, um instrumento para o enriquecimento da leitura. E a superação das incertezas. A própria Laurence Bardin afirma, em sua obra:

Se um olha imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam ou infirmam o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos e significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não possuíamos a compreensão. (BARDIN, 2010, pag. 31)

Uma leitura aprofundada das matérias escritas por estes dois meios de comunicação analisados, tendo como base os dados apresentados neste estudo, demonstra que, de fato, aquelas palavras tinham uma profundidade muito maior do que se julgava ter, e sua importância para o processo de emancipação de Marau – principalmente no caso de O Salame – necessita ser destacada.

Como visto, os editores de O Salame embutiam em seu texto um sentimento de **“pertencimento àquela comunidade”**. Com a escolha de palavras e a aproximação entre o emissor e o receptor daquelas notícias, fundamentalmente através das posições assumidas pelo jornal – em favor da comunidade marauense e da emancipação – os inumeráveis textos que os marauenses leram, de 1947 a 1953, referentes à luta pela emancipação, foram capazes de aglutinar a comunidade em torno desta causa que, afinal, era explicitada como se fosse a de todos os moradores do 5º Distrito. Esta doutrinação constante em favor da desvinculação de Passo Fundo, se não influenciou diretamente a população à época, muniu os emancipacionistas de argumentos suficientes para que saíssem vitoriosos no plebiscito de 1953.

Da mesma maneira, a parca cobertura contida em O Nacional – e quando ocorria, era de maneira pejorativa – manteve a comunidade passofundense alheia ao processo emancipacionista. Como visto, os motivos de Múcio de Castro e seu jornal para tomar tal linha editorial eram as rusgas políticas de seu PTB com o PSD de Fialho. A possibilidade do

desmembramento do principal distrito de Passo Fundo à época só foi levada à sério quando era iminente.

A pergunta que este trabalho propõe é a seguinte: com tantas evidências que comprovam a aproximação nas linhas editoriais de O Salame e O Nacional, porque a cobertura que ambos fizeram da luta pela emancipação marauense tomou caminhos tão distintos?

O Salame – conforme os dados apresentados no decorrer deste estudo – tinha todos os motivos para realizar uma cobertura tão distante quanto a realizada por O Nacional. Ambos eram ligados ao mesmo partido, contrário ao líder emancipacionista Elpídio Fialho. Ambos tinham diretores filiados ao PTB e cientes de que a maior força do possível futuro município seria o PSD. O Nacional preferiu não incentivar o rompimento entre as duas comunidades e tratar a emancipação de forma jocosa. O objetivo velado era de que o Distrito de Marau continuasse sob o comando de Passo Fundo e do PTB, que comandava o município naqueles anos.

O jornal marauense, entretanto, apesar de toda a ideologia política que carregava, resolveu abrir mão de suas preferências partidárias e apoiar abertamente – assumindo posicionamento – a luta pela emancipação marauense iniciada por Fialho e o PSD, mesmo Ferret e seus correligionários sabendo que o PTB perderia forças em um município emancipado. Porque?

Como já referido neste mesmo trabalho, o jornalismo do interior tem peculiaridades muito específicas. É no órgão local que a comunidade se enxerga. É ele o primeiro a ser consultado em relação aos interesses locais, cabendo aos jornais regionais, estaduais e nacionais – quando houverem – um status secundário na escala de confiança da comunidade.

O Salame mostrou, durante o processo de emancipação marauense, que não havia interesse partidário, comercial ou editorial que supere a ligação de um jornal do interior com sua comunidade. E a conseqüente responsabilidade em defendê-la, por vezes contra os interesses do próprio meio de comunicação.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU**, Alzira Alves de; *A Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AGUIRRE**, Eliane, *Sim ou Não: a luta política pela emancipação do município de Marau e as disputas pelo poder – Marau: Faculdade da Associação Brasiliense de Educação, 2008*
- ALBERT**, P. **TERROU**, F. *História da imprensa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1990.
- AVILA**, Ney Eduardo Possapp d'. *Passo Fundo terra de passagem*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.
- BAHIA**, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4ª Ed. São Paulo: 1990.
- BARDIN**, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal – Edições 70, 2010.
- BATISTELLA**, Alessandro, *Passo Fundo, Sua História*, 1ª ed. Passo Fundo. Meritos, 2007
- BELTRÃO**, Luis. *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. Rio de Janeiro. Agir, 1960.
- BENVEGNÚ**, Sandra Mara. *Décadas de poder: o PTB e a ação política de César Santos na metrópole da serra: 1945-1967*. UPF, 2006.
- BERNARDI**, Francisco. *História de Marau – Uma Comunidade Laboriosa*. Marau – Editora Gráfica Palloti, 1992.
- BERNARDI**, Francisco, *Ruas e Praças de Marau*. Passo Fundo – Berthier, 2007.
- CAREGNATO**, Rita e **MUTTI**, Regina. *Pesquisa Qualitativa: Análise de Conteúdo Versus Análise de Discurso*. UFRGS, 2005.
- DINES**, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 6.ed. São Paulo: Summus, 1996.
- DISARZ**, Alberto. *Marau ontem e hoje*. Caxias do Sul – São Miguel, 1972.
- DORNELLES**, Beatriz, *Jornalismo “Comunitário” em cidades do Interior: Uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores*, Editora Sagra Luzzatto, 2004.
- LAIGNER**, Pablo. **FORTES**, Rafael, *Introdução à História da Comunicação*. Rio de Janeiro – E-Papers, 2009.

NOBLAT, Ricardo. A Arte de Fazer Um Jornal Diário. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SODRÉ, N. W. História da Imprensa no Brasil. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

RABAÇA, Carlos Alberto. **BARBOSA**, Gustavo Guimarães. Dicionário de Comunicação. 4 ed. Rio de Janeiro. Campus, 2001.

RAUBER, José Jaime. **SOARES**, Marcio; [et all]. Apresentação de Trabalhos Científicos: Normas e Orientações Práticas. 3 ed. Passo Fundo. UPF, 2005.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. Tendências do Jornalismo. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

Artigos:

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, Jornais: uma breve história. Disponível em:

<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianomundo/historiadojornal.pdf>

BERTOL, Sônia e **FROSI**, Fabíola, O Surgimento da mídia impressa no município de Passo Fundo/RS - os primeiros 50 anos. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/gcsb/necessidade.pdf>

BORTOLINI, Clélia, Notas sobre Elpídio Fialho: Disponível em:

<https://www.facebook.com/clelia.bortolini?fref=ts>

CAMPOS, Pedro Celso, O Papel do Jornalismo no Interior – Observatório de Imprensa.

Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/jd20092000.htm>

CAMPOS, Pedro Celso. Jornalismo no Interior: Características. Disponível em: <http://74.125.113.104/search?q=cache:kIQ6wUgS4Ocj:webmail.faac.unesp.br/~pcampos/JORNALISMO%2520NO%2520INTERIOR.htm+pedro+celso+campos+jornalismo+no+interior+caracter%2520C3%2520ADsticas&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>

DORNELLES, Beatriz, A trajetória da Imprensa Gaúcha, apresentado no VII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, em outubro de 2004. disponível em

http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia4_a.htm

IBGE - Endereço eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acessível em: WWW.ibge.gov.br.

MARTINS, Salvador Lopes e **SILVA**, Esdras Domingos da, A cara do jornalismo no interior. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ufgrs.br%2Ffaltar%2Fencontros-nacionais-1%2F3o-encontro-2005-i%2FA%2520cara%2520do%2520jornalismo%2520no%2520interior.doc&ei=1XI3Up_TNYj28wTooIHwCg&usg=AFQjCNG

Uoyten-KqFQcHBN4vSZZrDtjVDQ&sig2=Zh3Jb-apzqW_CnXN2v9IvA&bvm=
bv.52164340,d.eWU

MELLO, Patrícia Bandeira de. Um passeio pela História da Imprensa:

O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. 2005. Disponível em
http://www.fundaj.gov.br/geral/artigo_passeio_historia_imprensa.pdf

SILAS, Wesley, Os jornais impressos do interior. Disponível em:

<http://www.atitudetocantins.com.br/?ctt=noticia.php&IdNoticia=633>

PROJETO PASSO FUNDO, disponível em www.projetopassofundo.com.br

ANEXO A

Matéria 01:

A policia de PARIS ás voltas com os assaltos dos 'gangsters'

Ação proficua do Prefeito Armando Araujo Annes em poucos meses de governo (Notas e Comentários) Texto na 3.ª pagina

Neste NUMERO:

Inversões da nossa época Texto na 2ª. pagina

A LEGAÇÃO RUMENA DESMENTE A NOTICIA, DIVULGADA PE- LA IMPRENSA INGLESA, DE QUE O SEU PAIS SERÁ ANEXADO À UNIÃO SOVIETICA



UMA POR DIA... Quando conquistarmos a emancipação de nosso terra, mandaremos construir o 'Arco do Triunfo'... E levantaremos um monumento à nossa Joana D'Arc, representando a figura do mais rotundo em-fra- thópiles...

LONDRES, 13 (Reuters) - A legação rumena, nesta capital, manifestou sua profunda indignação pelas estapíneas

historias publicadas pela imprensa britânica, segundo as quais o território rumeno seria brevemente incorporado à União Soviética.

'Tal atitude não pode ser justificada, mesmo que o desejo de pro- vocar uma seccional-

ismo - disse a legação, num comunicado oficial, que acrescenta: 'Tais noticias fazem parte de uma cam-

panha deliberada, visando desacreditar a dignidade do povo rumeno e do governo da Rumania, que lu-

taram hereticamente para liber- tar o pais do jugo fascista e pela sua independência nacional.

Edição de HOJE 4 paginas CRS 0,50

O NACIONAL

O Tempo: HOJE MIN. - 1,8 MAX. - 0,7 Serviço Meteorológico do Instituto Educacional

DIARIO INDEPENDENTE - Direção de MUCIO DE CASTRO Ano XXIV - P. Fundo - Rio G. Sul - 6ª. - feira, 13 de Agosto de 1948 - N. 6013

Tito reafirma o seu proposito de colaborar para a vitoria do bolchevismo no mundo

Para isso, o exercito iugoeslavo recebe educação politica conveniente

BELGRADO, 12 (Reuters) - O marechal Josip Tito, primeiro ministro da Iugoslavia, em suas primeiras declarações publicas nesta capital sobre a expulsão do

partido comunista iugoslavo como membro do Kominform, negou que aquela entidade politica estivesse adotando uma politica especial, diferente da do comuni-

nismo internacional. «No O verdade que estamos seguindo uma politica especial que nos separa das outras democracias populares da União Soviética» - declarou Tito. O marechal, que fazia aos membros do partido comunista iugoslavo, acrescentou: «A necessidade de unificação dos nossos partidos é presente, principalmente agora que esta organização constitui a principal força do pais, e deve, por isso, lutar cada vez mais poliarmente. Se o partido, pela maioria, aprovar uma decisão, todos os demais membros deverão submeter-se a mesma. De- vemo dar todos os nossos esforços para defender a nossa patria, e o nosso exercito deverá sempre estar pronto para defender a integridade do nosso território. Porém, a defesa da nossa patria não compete apenas ao exercito. As nossas forças armadas vêm também recebendo instrução de politica, afim de que o exercito iugoslavo possa ter uma atuação po-

litica conveniente. Vós, os comunistas, deveis ser aqueles que ministrarão os ensinamentos de politica ao exercito. Tudo o que acontecer, disto seréis informados, e vós ao mesmo tempo, informareis ao exercito. Os nossos interesses não são restritos aos interes-

ses nacionais, mas ao interesse de todos os povos trabalhadores do mundo. São os interesses internacionais que contribuirão para a vitoria do socialismo no mundo. A situação é difícil, mas Iugoslavia beneficiará da mesma, se houver unidade em toda a pátria», concluiu Tito.

Assaltaram o Banco e fugiram com o roubo

INDIGESTÕES? TOME BITTER WANSÁ

Radio com televisão em Porto Alegre!

PORTO ALEGRE, 12 (A.N.) - Com sede nesta capital, acaba de ser fundada a Rádio Otávia Lida, que se propõe a oferecer o serviço de radiodifusão e radiotelevisão em todas as suas modalidades. Seu

capital é de dois milhões de cruzeiros, divididos em quotas de cinco mil cruzeiros. Entre os subscritores figuram os senhores Tito - Jaster, Nestor Moura Jardim e outros elementos de destaque nos meios indústrias e riograndenses.

Greve contra as autoridades britânicas, em Chipre

NICOSIA, 12 (Reuters) - Foi proclamada pela Federação Trabalhadora de Chipre uma greve geral, de 24 horas, a partir de hoje, em protesto contra a declaração, pelas autoridades britânicas, da Assembleia de Chipre.

O gal. Gil Castello Branco assumiu o comando da 3ª Região Militar

PORTO ALEGRE, 12 (A.N.) - Assumiu ontem o comando da 3ª Região Militar o general Gil Castello Branco. A solenidade de sua posse teve lugar ontem pela manhã, no Quartel General, com a presença de elevado numero de militares,

A censura da imprensa, em tempos de paz

GENEVA, 12 (Reuters) - O Conselho Econômico das Nações Unidas concordou, ontem, que, apesar da forte oposição do bloco oriental, se determinem os limites especificos à censura em tempo de paz, exceto nos interesses da segurança militar nacional. Por 5 votos, contra 7, com tres abstenções, o conselho aceitou uma proposta colombiana, segundo a qual a censura, em tempo de

Motim contra as autoridades policiais de ALMERIM

ALMERIM, 12 (Repres) - Em entrevista à imprensa, Armando Carraz, secretário de Segurança, informou que estava sendo preparado um motim contra a autoridade policial local, em Almerim. Os cabanos eram o secretário da prefeitura degenal municipal e seu filho, que há pouco foi preso, o qual veio juntamente com os cabanos, Panzerio da Silva, ex-comandante da policia. O motim foi apunhalado por ocasião do conflito, com a morte de um cabano, sendo reconhecido como mais homicidas. Esses motins foram encaminhados ao delegado que prende os envolvidos, afim de serem apunhalados os envolvidos politicamente ali de autoridade.

Prof. Tabu' Ryhan Atende diariamente das 14 às 18 horas Av. MAUA, enfrente ao Varejo Mauá

CASA A' VENDA (Pechincha) Uma casa, frente de material, à rua Passadão esquina com a rua Cel. Chiquito, n.º 1534, com terreno de 13 mil. do frente, e 18 mil. 40 mil. do fundo, 8 peças (terreno de alvará). Contar, rua Marechal, n.º 9573 - (Bicentário).

Ganhe um RADIO! Envie sua sugestão dizendo como deverá se denominar a NOVA CASA DE RADIOS E ELETRICIDADE EM GERAL, que será instalada brevemente na antiga Casa Victor, à Avenida General Neto Quem apresentar o nome mais original, que se adeque ao caso do novo estabelecimento, será contemplado com um rádio

DUAS CASAS A' VENDA! Estas a venda: uma boa casa de madeira, com 6 peças, em bom estado, situada no Bopuquirá, à rua Cel. Miranda, 177. PIEDO CR\$ 150,000. Um OTIMO BUNGALOW, um excelente estado de conservação, Predio coberto, com telhas francesas, com 6 peças, situado à rua Independência, duas quadras do centro à linha terra. INFORMACOES à rua Cel. Chiquito, 537 ou na Gerencia de O NACIONAL

O futuro das colonias italianas

LONDRES, 12 (Reuters) - O embaixador soviético na Gran-Bretanha, George Dimitroff, que foi representado russo a conferência dos quatro grandes sobre as ex-colônias italianas, segundo se crê estava aguardando ultimatos de Moscou sobre se devia ou não

Clube Caixaerial Baile dos Estudantes

A Diretoria do Clube Caixaerial convida, por nosso intermédio, todos os seus socios e exmas. famílias para o grande baile dos estudantes, sabado proximo, dia 14. U. G. E. S.

A União Gaucha de Estudantes Secundarios - nucleo de Passo Fundo - convida todos os socios e estudantes para o grande baile de coroação da rainha dos estudantes, sabado, dia 14. Os estudantes não socios, procurem ingressos com esta diretoria. U. G. E. S. Passo Fundo, 12 de Agosto de 1948.

Para os que sofrem dos pés, dôres ou cansaças nos pés Esperem a chegada do sr. Erwin Neu, especialista no tratamento dos pés, os semana entrante

Técnico do famoso Instituto Orto e Chiroprópico de Curt e Ellen Wiener, de Porto Alegre

Queiram acompanhar os proximos anuucios

Panorama Político

Dep. Pereira de Souza

ANEXO B

Matéria 2:

ULTIMA HORA - Promulgada hoje a criação do município de Marau!

2 mortos e varios feridos numa desordem durante as eleições EGÍPCIAS

UMA POR OUTRA



—Final, onde foram parar os «brotnhos» do Centro Civico Walter Jobim?...

—Agora estão passando pelo processo do «reflorestamento», para depois oferecerem bons «frutos»...

ADHEMAR

SERÁ ALVO DE MANIFESTAÇÕES ESPETACULARES

CAIRO, 4 (Reuters) — Duas pessoas foram mortas e varias outras feridas...

Na zona do deserto, a apenas poucos quilômetros do Cairo, três pessoas atacaram os guardas da fronteira.

DIÁRIO INDEPENDENTE — Direção de MUCIO DE CASTRO

O NACIONAL

ANO XXIV — Passo Fundo — Rio Grande do Sul — Quarta-feira, 4 de Janeiro de 1950 — Nº 8400

SUBMETIDOS ONTEM A JULGAMENTO 5 RÉUS ACUSADOS DE GRIME DE HOMICÍDIO Julgados na tarde de ontem, foram todos absolvidos

Sob a presidência do dr. Isaac Melzer, juiz de Direito da 1ª. Vara da Comarca de Passo Fundo, estando o Ministério Público representado pelo dr. Jorge de Oliveira Wiedmann...

ra Lella, Urbano Ribas, Manoel Bastos, Jorge Almeida e Evaristo Tagliari. Funcionou como escrivão do Juri, o sr. Romero Magalhães. O Dr. Mario Hopps foi defensor dos irmãos Constante, Marcos e Luiz Abido, e o Dr. Romulo Cardoso Teixeira foi defensor dos irmãos Gentilino e Antonio Honghero.

Público, que fez uma argumentação cerrada com bases nas provas constantes a do processo, tendo a mesma repercutido ostensivamente. Por sua vez, os advogados da defesa, Drs. Romulo Cardoso Teixeira e Mario Daniel Hoppe foram brilhantes, demonstrando sua cultura jurídica e sua habilidade de forçar e dotes de inteligência e eloquência.

POLÍTICA

Chegou de Porto Alegre, o cel. Quim Cesar

Depois de diversos dias de permanência em Porto Alegre, acaba de regressar a esta capital, o cel. Quim Cesar, conhecido líder político residente em Lagoa Vermelha e elemento de destaque do movimento por Adhemar de Barros neste estado.

O Cel. Quim Cesar, durante os dias que esteve em Porto Alegre manteve conferências com figuras destacadas desta folha.

DR. MEDAGLIA — Especialista em clínica de doenças de mulheres. Anco-Helias (Hemorroidas - Fistulas - Úlceras etc.) Urologia. Anco-Helias para diagnóstico e tratamento. Rua Mal. Floriano 674 - Das 3 às 5 hs. e sem hora marcada.

Imprensa "Folha da Serra"

A 1ª. do corrente completou mais um aniversário de fundação do prestigioso jornal "Folha da Serra", que se edita em Cruz Alta, sob a direção do vigoroso jornalista Prado Junior.

O numero de aniversário da "Folha da Serra" apresentou-se com 18 paginas bem impressas, com um amplo e variado noticiário local, regional, nacional e internacional, dedicando varias paginas ao desportos.

Dr. Paulo Azambuja — Moléstias oftalmológicas. Moléstias de aparelho cardíaco-circulatorio. Moléstias do aparelho genito-urinario. Clotocopias, Uroscopias etc. Cirurgia geral. Consultório: Rua Bento Gonçalves, 432. Telefone: 148.

Foi multado em cr\$ 2.500,00

Porque se Banhava Completamente nu na praia de ICARÁ!

RIO, 4 (R. Press) — Ontem, com o grande calor da tarde, na praia de Icarai, em Niteroi, foi detido um cidadão que se banhava internamente nu. Alegou que o seu cadoço se resgou quando se preparava para "furar" uma onda, mas a verdade é que se tratava apenas de desculpa. O novo Adão foi multado em ois mil e quinhentos cruzeiros.



BAEAS GILDA AMENDOMEL CAJU IPIRANGA Uma delicia! Produtos "BEIJA-FLOR"

Colônia Agrícola Para Vadios

repercussão de um «comentário» de O NACIONAL. A 29 de Dezembro passado, fizemos um comentário sobre o projeto de criação de uma colônia agrícola para vadios e desviantes sociais que advivia da medida. Fizemos referências a medidas semelhantes postas em

ULTIMA HORA...

O sr. Alberto Borella, adeantado industrial maraense, acaba de receber o seguinte fonograma: «Alberto Borella — Marau — Lei criação município foi promulgada hoje. Diário Oficial 142. Tribunal Eleitoral nos próximos dias marcará as eleições. Contamos no futuro, com o seu apoio. Queremos de receber uma por uma as barreiras colocadas à nossa frente até a inauguração final da nova comuna, porque nossa causa é a do Rio Grande. Minha alegria não é mesquiada com superficialidade e de dendo. Cordeias saudáveis. ALBANO DAVI».

Banco Industrial e Comercial do Sul S.A. Capital e Reservas: mais de Cr\$ 83.000.000,00. Depósitos: mais de Cr\$ 430.000.000,00. Para depósitos de qualquer quantia com aviso previo ou prazo fixo, TAXAS ESPECIAIS a combinar. SERVIÇOS RÁPIDOS E ACURADOS. Matríz: Porto Alegre. Agência em PASSO FUNDO: Rua Bento Gonçalves, 731.

Salgado Filho em viagem para Santos Reis. RIO 4 (R. Press) — O sr. Salgado Filho dirigiu-se a Santos Reis, afim de encontrar-se e receber ordens e instruções de Getulio, ignorando qual o provavel sentido dessas ordens.

CAIXEIRAS — Importante firma desta praça precisa de moças desembragadas para trabalhar em de balcões. As interessadas queiram dirigir-se por carta do proprio puho a Redação deste jornal.

por ocasião de sua visita a Minas Gerais

RIO, 4 (R. Press) — Ontem alguns vespertinos destinaram notas relativas à ida de Adhemar de Barros a Minas Gerais, com sua comitiva. A sua chegada em Belo Horizonte será espetacular. Ignora-se, porém, o sentido das conversações que irá ter com o seu colega mineiro.

Candida Juçara — participou nos pueris e pessoas das relações de seus pais CENY RUAS LUTZ e CARLOS LUTZ o nascimento de seu menino NICOLAU LUTZ NETO ocorrido dia 3 de Janeiro, na Maternidade do Hospital S. Vicente de Paulo. NICOLAU convivia seus pais Cely e Milton para o levarem à Pia Batismal. Passo Fundo, 4 de Janeiro de 1950.

Expressiva mensagem da sala dos Estados do Palacio dos Campos Eliseos a O NACIONAL

A propósito da entrada do Ato Sábio, O NACIONAL foi honrado com uma expressiva mensagem de cumprimentos, que nos foi transmitida pelos componentes da Sala dos Estados do Palacio dos Campos Eliseos de São Paulo, a cuja chefe...

ANEXO D

Matéria 4:

O SALAME

(Semanário Fundado em 31-5-1947)
Impressa nas oficinas gráficas da Livraria Seleta

Nicolau Araujo Vergueiro

No dia 11 do corrente esteve nesta localidade o Ilustre deputado Federal Dr. Nicolau A. Vergueiro acompanhado pelos Srs. Harry Becker, Dr. Odagiro Corrêa, Teófilo Fontoura, Dr. Pedro Pacheco e Sr. Presidente do Directorio do PSD do Passo Fundo, Sr. Dionisio Langaro. Ao Ilustre visitante foi feita uma cariçosa recepção, que contou com a presença de Dr. Elpidio Vialho, Dr. Honorino P. Borges, Sr. José P. Bernardi, Sr. Antonio Pedro Rigo e do clero local.

Chegou o projeto de um altar da patria

"O Salame" na sua próxima edição vai publicar um clichê da grandiosa obra que será construída nesta vila com a bela vista de diversos pontos desta bela terra.

Estamos informados que o projeto Sr. Armando Antez aprova a iniciativa e prestará seu auxílio moral e financeiro, particularmente a obra será construída numa das frentes da praça Rio Grande do Sul.

OS MAIS BELOS LIVROS DA ATUALIDADE

Recebeu a LIVRARIA SELETA

Escolha o seu livro, na relação abaixo, em paginas escolhidas dos mais famosos autores nacionais e estrangeiros.

O Filho de Robin Hood
Contos Burlescos, Ironicos e Sarcásticos

Uma Vida Roumada
O Logro do Cego
Silvêrio - a Marca da Vingança
A Condição Humana
O cinto de Castidade da Bela Alice

O Filho dos Tres Mosquiteiros
Uma Aventura na Corsega
Lirio Branco
As Sete Mulheres do Barba Azul

Os Massacres de Paris

CARLOS CLAUDY E ESPUSA

Participam nos seus parentes e amigos o contrato de casamento de sua filha **HERTA** com o Sr. **ALBERTO ANMIN**

Alberto e Herta

Combinam

Emancipação?

E a vista do seu desenvolvimento cada vez mais crescente, muitos Marauenses pensam em se constituir em mu-

nicipio independente, constando que o governo do Estado esteja disposto a homologar o pedido, já que os Marauenses Marau é de fato um bom ceptro populoso

com mais de 400 casas, sendo uma cidadentub regular e continua de desenvolvendo assombrosamente contando com grandes industrias.

É pensamento dos marauenses a emancipação, anexando ao novo município os distritos de Vila Maria e Camargo, aquele do Guaporé e os de Soledade.

Estamos informados que o povo de Vila Maria como de Camargo estão dispostos a endossarem o pedido dos Marauenses na formação de um novo município.

Casa Paulina

A Casa Paulina, tem a prazer de comunicar aos seus distintos frequentes que, renovando completamente estoques de Tecidos - Si e las, Calças - Sobretudo - Gabardines - Capas Espanholas e colonial - Perfumes - Chapas Cary - Luvas - Artigos finos para Senhores, Cavalheiros e Crianças e outros artigos, está vendendo por preço mais barato da Zona de Municipio de Passo Fundo

Visite a sem compromisso — preço e qualidade

Avenida Julio Borella n° 67
Em frente Estação Rodoviária

CASA PAULINA
Marau

ANEXO E

Matéria 5:

O SALAME

E. Estrela — Gustavo Silveira Ferret — RBT — Severino de Araújo
 Rua: 110 — Alameda T. Brum Ferret

Número 24

Política esse bom negócio

nesta, é uma...
 POLÍTICA
 andoso Brasil
 me orgão
 nens que
 os porres que
 a da noite pa
 como coque
 este do su
 m de cerea
 erolico de
 senato e di
 la, fazem um
 gocio, um ve
 negócio da

as os leitores
 odico jornal
 rusem de
 idade de afre
 a sessão da
 ra, estatu
 ral, fiscaliz
 a os heron
 ados que de
 cesas all es
 sentados em
 treas, estoi
 na tenda de
 ima, confan
 e alguns ou
 ilando, agor
 em visível an
 a hora de dar
 a sessão em

basar o gordo, ordena
 do, fructo de tabo tra
 bado.
 Realmente quem ve
 o mefista, ou o melior
 si todos possuem as
 sistir emidossas ses
 soes, muito por certo
 que promoveriam um
 comicio para aumen
 tar-lhes a vergonha.
 Devemos saber que
 um parlamentar, bra
 lleiro ganha 20 mil
 que um arcebispo,
 20 e mais que um
 orgulho e 20 e ma
 is que um italiano.
 Mas não é todo, a
 da de...
 ra arotação um au
 mento para os hono
 rários representantes, e por
 enquanto se esse au
 mento, totalizoda
 Cr: O modo uma ho
 gatais.
 Depois virá o abono
 de Natal, como pode
 ria Papae Noel esque
 cer esse, deas bra
 silleiros!
 Mas, por enquanto
 basta isso, e antes de
 terminar o mandato,
 em 1957, resta ainda
 muito tempo.

EMANCIPAÇÃO

Por vezes das con
 tingencias, ou por um
 mau signal do aca
 sermos Mirau emas
 cipada, e a associa
 fundada que mais da
 meo do tempo, sera
 um fato consumido.
 Nas vespugas de nos
 ex independencia não
 nos iludamos, porém
 não é um peso que
 vamos aljar e sim um
 eorango que vamos
 assumir de cuilibet
 prho, dependra a
 vantagem de emanci
 pação.
 Está claro o segun
 te, que uma emanci
 pação prematura nos
 trará o raquissimo e
 conomico e o desfal
 que administrativo,
 que uma emancipação
 tardia seria o erro de
 quem espera ser espo
 lido e explorado fa
 ri se estabelecer, por
 conta propria, e que
 a emancipação in
 terea seria um
 arriscada aventura.
 Quanto a occurrã
 de, não duvidamos
 que é chegado o mo
 mento mais azedo pa
 ra agradecermos ao
 municipio o modo ao
 posto de interesse que
 nos dispensou até o
 presente, para alcanç
 mos nossa maioridade
 legal e para o futuro vi
 vermos de nossas for
 ças.
 Resta estredando ave
 riguar si os futuros li
 moneiros do novel mu
 nicipio ja se compen
 traram dos grandes
 problemas que se apre
 sentarão tão logo que
 Caeleis na pag. 3

ELOY

A Alfaiataria da moda

Atua sua distincta freguesia que recebe
 novo sortimento de casacas, blusas,
 PA Casimiras de lã de 100% p. a. l.
 em 45 dias

VEJAM SUA EXPOSIC

Companhia De Seguros MINAS — BRASIL

Opera em Seção de Accidãncia de Trabalho
 e Seguros de fogo de Acci
 dentes Pessoais de

